

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

DEPARTAMENTO DE TURISMO

GIULIANO TROBIA

PERFIL DO VISITANTE E RECURSOS TURÍSTICOS DO PARQUE NACIONAL
DOS CAMPOS GERAIS

PONTA GROSSA

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

DEPARTAMENTO DE TURISMO

GIULIANO TROBIA

**PERFIL DO VISITANTE E RECURSOS TURÍSTICOS DO PARQUE NACIONAL
DOS CAMPOS GERAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para obtenção do Título de Bacharel em
Turismo, Setor de Ciências Sociais Aplicadas,
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof. Dra. Jasmine Cardozo
Moreira

PONTA GROSSA

2013

GIULIANO TROBIA

PERFIL DO VISITANTE E RECURSOS TURÍSTICOS DO PARQUE NACIONAL
DOS CAMPOS GERAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de graduado
na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de Turismo

Ponta Grossa, _____ de _____ de 2013

Prof. Dra. Jasmine Cardozo Moreira – Orientadora
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Mestre Paulo Roberto Baptista Stachowiak
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Lilian Vieira Miranda
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível” (Charles Chaplin).

AGRADECIMENTOS

A Deus e minha família por estar sempre ao meu lado, por me dar sabedoria, oportunidade de viver, paciência e a cada dia mostrar o quanto é importante estarem ao meu lado.

A professora e orientadora Dr. Jasmine Cardozo Moreira, pela contribuição de seus conhecimentos e sugestões na orientação.

Aos meus colegas de classe, que durante esses quatro anos juntos se transformaram em amigos e irmãos, dando apoio, incentivo e dedicação na elaboração do projeto.

Aos professores Dr. Luiz Fernando de Souza e Ana Cláudia Folmann, pela colaboração de informações que auxiliaram no assunto.

A professora Márcia Maria Dropa e acadêmica Luana e Ana Flávia pela indicação ao mercado de trabalho, possibilitando colocar em prática o que foi visto em sala aula.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é se não uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota” (Madre Teresa de Calcuta)

RESUMO

O Turismo em áreas naturais é um segmento que vem crescendo e apresentando novas possibilidades turísticas, utilizando os patrimônios e incentivando o visitante a conservar e usufruir do atrativo de forma sustentável. A região dos Campos Gerais é uma das principais regiões turísticas do Paraná, tendo o privilégio de contar com relevo diferenciado e uma rica fauna e flora, nessa região encontra-se o Parque Nacional dos Campos Gerais, com grande potencial de agregar qualidade de vida à população. Criado em 23 de março de 2006, tem como propósito a preservação dos ecossistemas naturais e aumentar a interação entre homem e natureza. Este trabalho tem por objetivo desenvolver um estudo sobre os recursos turísticos presentes na área do Parque, abordando segmentos das áreas naturais, potencial para atividades, planejamento turístico e infra-estrutura. A crescente demanda de visitantes em busca de áreas naturais fez surgir à necessidade do planejamento, a conservação do meio ambiente e desenvolver atividades de lazer nestas áreas. Com o propósito de obter informações sobre o Parque Nacional dos Campos Gerais para um futuro planejamento, foram aplicados, 80 questionários em quatro áreas do Parque. A pesquisa realizada com turistas tem o objetivo de analisar o atual perfil dos visitantes e também obter informações sobre a infra-estrutura existente na região, ressaltando a importância do local para a população como um espaço para lazer e contato com a natureza. Conclui-se que o turismo planejado e responsável pode contribuir de maneira positiva na preservação e conservação de áreas naturais.

PALAVRA CHAVE: Planejamento, Infra-estrutura, Parque Nacional dos Campos Gerais, Conservação.

ABSTRACT

Tourism in natural areas is a segment that is growing and introducing new possibilities for tourism, using the assets and encouraging the visitor to preserve and enjoy the attractive sustainably. The region of Campos Gerais is one of the main tourist regions of Paraná, having the privilege of having different relief and a rich fauna and flora, this region is the National Park of Campos Gerais, with great potential to add quality of life to the population. Created on March 23, 2006 aims to preserve natural ecosystems and increase the interaction between man and nature. This work aims to develop a study on the tourism resources present in the Park, addressing segments of natural areas, potential activities, tourism planning and local infrastructure. The increasing demand of visitors in search of natural areas has given rise to the need for planning, conservation of the environment and develop leisure activities in these areas. With the purpose of obtaining information about the National Park of Campos Gerais for future planning, were applied, 80 questionnaires in four areas of the park. A survey of tourists aims to analyze the current profile of visitors and also information on the existing infrastructure in the region, emphasizing the importance of the local population as a space for recreation and contact with nature. Concludes that the planned and responsible tourism can contribute positively in the preservation and conservation of natural areas.

KEYWORDS: Planning, Infrastructure, National Park of Campos Gerais, Conservation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2. CONCEITOS BÁSICOS DE TURISMO E PLANEJAMENTO	19
2.1 TURISMO	19
2.1.1 recursos turísticos e atrativos turísticos	19
2.1.2 Mercado Turístico e segmentação de mercado.....	20
2.2 PLANEJAMENTO TURÍSTICO	21
2.2.1 Etapas do planejamento: receptivo e infra-estrutura turística.	23
3. TURISMO EM ÁREAS NATURAIS: CONCEITOS E DEFINIÇÕES	27
3.1 SUSTENTABILIDADE NO TURISMO	29
3.2 ECOTURISMO	32
3.3 TURISMO DE AVENTURA	36
4. ÁREAS PROTEGIDAS – UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	40
4.1 CONCEITOS	40
4.1.1 Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)	44
4.1.2 Parques Nacionais	45
4.2 PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS	46
4.2.1 Relevo e Hidrografia	47
4.2.2 Clima nos Campos Gerais	48
4.2.3 Fauna e Flora	48
4.2.4 Delimitação da região do Parque Nacional dos Campos Gerais: localizando Ponta Grossa e os recursos turísticos.	49
4.2.5 Recursos Turísticos	51
4.2.5.1 Cachoeira do Rio São Jorge	51
4.2.5.2 Ponte do Rio São Jorge.....	54
4.2.5.3 Buraco do Padre	57
4.2.5.4 Setor Macarrão – Área de Escalada	60
4.2.5.5 Capão da Onça	61
4.2.5.6 Furnas Gêmeas e furna grande	64
4.2.5.7 Cachoeira da Mariquinha	66
5 RESULTADOS	71

5.1 PLANEJAMENTO DO DESTINO: PERFIL DA DEMANDA NOS RECURSOS TURÍSTICOS E ANÁLISE DA INFRA-ESTRUTURA	71
5.1.1 Análise quantitativa do perfil da demanda turística no Parque Nacional dos Campos Gerais.	73
5.1.2 Análise qualitativa da infra-estrutura turística do Parque Nacional dos Campos Gerais	79
5.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS DA ANÁLISE SWOT	87
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	95
APÊNDICE.....	98

LISTA DE ESQUEMAS

ESQUEMA 1 – MERCADO TURÍSTICO	21
FLUXOGRAMA 1 – PROCEDIMENTOS PARA CRIAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO...	45

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – ATIVIDADES DE ECOTURISMO COM POTENCIAL DE SEREM INSERIDAS NO PNCG.	34
QUADRO 2 – ATIVIDADES DE TURISMO DE AVENTURA COM POTENCIAL DE SEREM INSERIDAS NO PNCG	37
QUADRO 3 – CATEGORIA DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	41
QUADRO 4 – ANÁLISE DAS FORÇAS DO PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS E REGIÃO.	89
QUADRO 5 – ANÁLISE DAS FRAQUEZAS DO PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS E REGIÃO.	89
QUADRO 6 – ANÁLISE DAS OPORTUNIDADES DO PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS E REGIÃO.	90
QUADRO 7 – ANÁLISE DAS AMEAÇAS DO PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS E REGIÃO.	91

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – DELIMITAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS.	49
MAPA 2 – MAPA TURÍSTICO DESTACANDO AS SETE ÁREAS DO PNCG	50
MAPA 3 – LOCALIZAÇÃO/ACESSO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA – UNIVERSIDADE ESTADUAL.	51
MAPA 4 – LOCALIZAÇÃO/ACESSO DA UEPG PARA A CACHOEIRA DO RIO SÃO JORGE.	52
MAPA 5 – LOCALIZAÇÃO/ACESSO DA UEPG PARA A PONTE DO RIO SÃO JORGE	55
MAPA 6 – LOCALIZAÇÃO/ACESSO DA UEPG PARA O BURACO DO PADRE E DE ESCALADA.....	57
MAPA 7 – LOCALIZAÇÃO/ACESSO DA UEPG PARA O CAPÃO DA ONÇA.....	61
MAPA 8 – LOCALIZAÇÃO/ACESSO DA UEPG PARA AS FURNAS GÊMEAS.....	64
MAPA 9 – LOCALIZAÇÃO/ACESSO DA UEPG PARA A CACHOEIRA DA MARIQUINHA.....	67

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 – CACHOEIRA DO RIO SÃO JORGE.....	52
FOTO 2 – INFRA-ESTRUTURA DA CACHOEIRA DO RIO SÃO JORGE	54
FOTO 3 – FALTA DE INFRA-ESTRUTURA NA PONTE DO RIO SÃO JORGE	55
FOTO 4 – PONTE DO RIO SÃO JORGE.....	56
FOTO 5 – CASCATA DO BURACO DO PADRE	58
FOTO 6 – ÁREA DO BURACO DO PADRE	59
FOTO 7 – SETOR MACARRÃO – ÁREA DE ESCALADA	60
FOTO 8 – INFRA-ESTRUTURA DO CAPÃO DA ONÇA.....	62
FOTO 9 – QUEDA D'ÁGUA CAPÃO DA ONÇA.....	63
FOTO 10 – CARRO COM SOM ALTO NA ÁREA DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO.....	63
FOTO 11 – FURNAS GÊMEAS	65
FOTO 12 – INTERIOR DAS FURNAS GÊMEAS	66
FOTO 13 – ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS BANHEIROS NA ÁREA DA CACHOEIRA DA MARIQUINHA	68
FOTO 14 – DISTÂNCIA DA LIXEIRA PARA A TRILHA.....	68
FOTO 15 – CACHOEIRA DA MARIQUINHA	69
FOTO 16 – DESRESPEITO DO VISITANTE COM O MEIO AMBIENTE.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – CIDADE DOS VISITANTES DO PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS.	73
GRÁFICO 2 – PORCENTAGEM DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA QUANTO AO GÊNERO.	73
GRÁFICO 3 – FAIXA ETÁRIA DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	74
GRÁFICO 4 – NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS VISITANTES DO PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS.	74
GRÁFICO 5 – PRINCIPAIS MOTIVOS DA VISITA AO PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS.	75
GRÁFICO 6 – ATIVIDADES QUE OS VISITANTES GOSTARIAM DE ENCONTRAR NO PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS.....	76
GRÁFICO 7 – DURAÇÃO DE PERMANÊNCIA DOS VISITANTES NO PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS.	76
GRÁFICO 8 – ASPECTOS QUE O TURISTA CONSIDERA MAIS IMPORTANTE NO PARQUE.....	77
GRÁFICO 9 – GASTOS DOS VISITANTES NA REGIÃO DO PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS.	78
GRÁFICO 10 – POSSIBILIDADE DOS VISITANTES PAGAREM UMA TAXA PARA USUFRUIR DE UM PARQUE MAIS ESTRUTURADO.....	79
GRÁFICO 11 – OPINIÃO DO VISITANTE SOBRE A INFRA-ESTRUTURA EXISTENTE.	80
GRÁFICO 12 – OPINIÃO DO VISITANTE SOBRE A INFRA-ESTRUTURA EXISTENTE – AVALIAÇÃO INDIVIDUAL.	80
GRÁFICO 13 – AVALIAÇÃO DAS VIAS DE ACESSO.....	81
GRÁFICO 14 - AVALIAÇÃO INDIVIDUAL DAS VIAS DE ACESSO.....	81
GRÁFICO 15 – AVALIAÇÃO DOS BANHEIROS.....	82
GRÁFICO 16 – AVALIAÇÃO INDIVIDUAL DOS BANHEIROS – ÚNICA AVALIAÇÃO POSITIVA NO CAPÃO DA ONÇA.	82
GRÁFICO 17 – AVALIAÇÃO DAS TRILHAS.....	83
GRÁFICO 18 – AVALIAÇÃO DO ESTACIONAMENTO.	83
GRÁFICO 19 – AVALIAÇÃO DA QUANTIDADE DE LIXEIRAS.	84
GRÁFICO 20 - AVALIAÇÃO INDIVIDUAL DA QUANTIDADE DE LIXEIRAS.....	84
GRÁFICO 21 – AVALIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E SINALIZAÇÃO.....	85
GRÁFICO 22 – AVALIAÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS.	86
GRÁFICO 23- SUGESTÕES DADAS PELOS VISITANTES PARA A MELHORIA DA INFRA-ESTRUTURA.	87

LISTA DE APÊNDICE

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIOS APLICADOS NO PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS

GERAIS99

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, com o aumento da população no meio urbano, o turismo em áreas naturais vem crescendo cada vez mais. A busca por contato com a natureza, lazer, educação ambiental são algumas das características do turismo na natureza.

O crescimento do turismo no meio ambiental pode trazer impactos negativos, portanto o turismo nas áreas naturais tem a necessidade de desenvolver estratégias, análises e planejamentos para minimizar tais impactos, com o objetivo de conservação e sustentabilidade das unidades de conservação.

Na atualidade, o turismo vem sendo tema para diversos debates, demonstrando o quanto esse assunto é importante e complexo. O turismo em áreas naturais é uma das atividades que mais causam interesse devido sua importância, sendo questão de debates, envolvendo profissionais da área, de gestores públicos e privados, políticos e da população local, cada qual defendendo seus interesses pessoais ou profissionais.

Devido aos fatos citados, este trabalho tem como objeto de estudo o uso público do Parque Nacional dos Campos Gerais, envolvendo a conservação do meio ambiente e o lazer, visto que esse já vem sendo utilizado pela população, ou seja, sem um estudo ocasionando impactos negativos. Nesse trabalho é analisado o perfil da demanda, a infra-estrutura, as características atuais dos sete recursos turísticos inseridos na área e atividades de ecoturismo e turismo de aventura com potencial de serem inseridas como produto oferecido pelo Parque.

Na região dos Campos Gerais a variedade geográfica e a beleza cênica destacam inúmeros recursos turísticos com possibilidade de uso público. O Parque Nacional dos Campos Gerais é detentor de paisagens únicas e isso fez com que se tornasse uma unidade de conservação. O Parque foi criado em 2006 com o objetivo de proteger rios, campos, matas, e barrar o avanço da agricultura.

Esses recursos naturais são de grande atratividade, principalmente para moradores de Ponta Grossa e região. Porém ainda sem a desapropriação dos donos das terras e sem um plano de manejo, o Parque Nacional dos Campos Gerais limita-

se em uma fonte de lazer para a população local, não se caracterizando ainda como produto turístico.

OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICO

Geral

- Elaborar uma análise sobre turismo em áreas naturais e os recursos turísticos que compõem o Parque Nacional dos Campos Gerais.

Específico

- Analisar as características dos recursos turísticos do Parque Nacional dos Campos Gerais.
- Identificar os pontos positivos, negativos, oportunidades e ameaças através da análise SWOT.
- Fornecer dados sobre o perfil da demanda e infra-estrutura existente.

Para o resultado dessa pesquisa a metodologia englobou:

- Levantamento Bibliográfico: nessa etapa foram feitas pesquisas para obter o maior número de dados sobre o Turismo em áreas naturais e sobre o Parque Nacional dos Campos Gerais. Procurou-se características, segmentações turísticas relacionadas às áreas naturais, atividades que poderiam ser realizadas no Parque, geografia, conceitos referentes a planejamento, sustentabilidade, mercado, destinos, recursos turísticos, infra-estrutura e atrativos. Todo levantamento teórico envolvendo o trabalho foi realizado nessa etapa, através de livros, internet e documentos impressos.
- Leitura e interpretação bibliográfica: as bibliografias foram analisadas a partir do objetivo geral do trabalho.
- Elaboração dos questionários: foram aplicados oitenta questionários durante o mês de fevereiro de 2013, sendo este composto por dez perguntas (Apêndice 1). O questionário é composto por perguntas abertas e fechadas, possibilitando a multifacetagem de respostas. Os questionários foram aplicados em quatro dos recursos turísticos do Parque: Capão da Onça, Cachoeira da Mariquinha, Cachoeira do Rio São Jorge e Ponte do Rio São Jorge. Os objetivos dos questionários eram

realizar a análise quantitativa do perfil dos visitantes e a análise qualitativa da infraestrutura turística no Parque Nacional dos Campos Gerais.

- Coleta de dados: os questionários foram aplicados com visitantes e depois de concluído foram realizadas análises e tabulação dos resultados.

Quanto à composição do trabalho, no primeiro capítulo foi feita uma contextualização sobre turismo e seus principais conceitos relacionados às áreas naturais. No segundo capítulo descreve-se sobre o turismo em áreas naturais, segmentando em ecoturismo e turismo de aventura sempre dando ênfase a sustentabilidade ambiental. No terceiro capítulo contextualiza-se sobre o surgimento das unidades de conservação e o surgimento de suas categorias. Nesse capítulo é apresentado o Parque Nacional dos Campos Gerais e seus recursos naturais. No quarto capítulo estão os resultados da pesquisa e em seguida sua discussão. Por fim, têm-se as conclusões.

2. CONCEITOS BÁSICOS DE TURISMO E PLANEJAMENTO

2.1 TURISMO

A história do turismo começa com as primeiras expedições. Nota-se na história que grupos deslocavam-se para outras regiões e essas viagens incluíam vários segmentos que conhecemos hoje, turismo de aventura, turismo de negócios, turismo religioso, ecoturismo e outros.

O conceito de turismo trás muitas controversas, basicamente está relacionado a viagens, mas nem todas são consideradas turismo. A Organização Mundial do Turismo define turismo como o deslocamento para fora do local de residência por período superior a 24 horas e inferior a 60 dias motivados por razões não-econômicas. (IGNARRA, p.11, 2011)

Essa definição em 1994 sofreu modificação. Nesse ano a Organização Mundial do Turismo apud Ignarra (2011, p.11) passou a considerar que: “o turismo engloba as atividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora de seu ambiente usual durante não mais do que um ano consecutivo, por prazer, negócios ou outros afins”.

Entre as definições analisadas, cabe destacar a importância de elementos em comum:

- Movimento de pessoas que se deslocam fora do seu local de residência;
- A estada no destino é determinada por certo período, não caracterizando como residência permanente;
- O turismo compreende o deslocamento até o destino e também a atividade realizada durante a viagem e estada;
- O turismo inclui os serviços e produtos criados para satisfazer as necessidades do turista.

2.1.1 Recursos Turísticos e Atrativos Turísticos

Outro conceito importante é do recurso turístico, ou seja, é a matéria prima que tem potencial para se transformar em atrativo. Para Ignarra (2011, p.21) alguns elementos são importantes para que o recurso se transforme em um produto turístico:

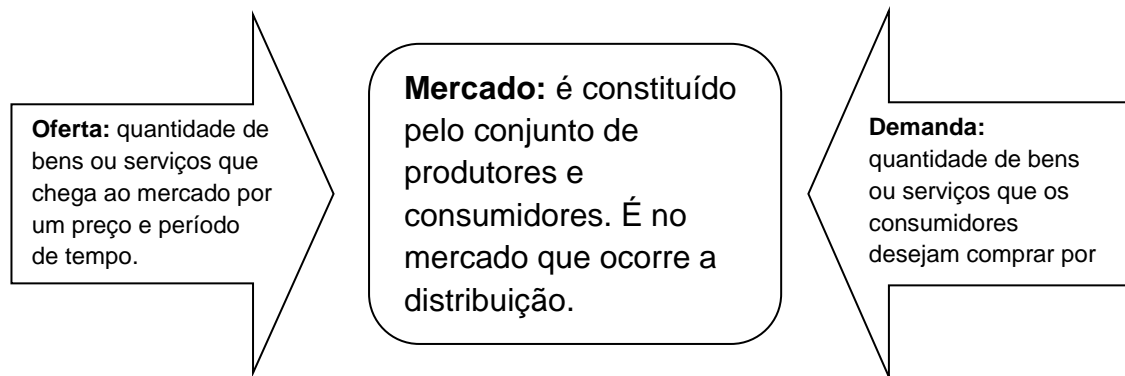
- Serviços turísticos: fazem parte deles os meios de hospedagem, os serviços de alimentação, de entretenimento, de informações turísticas e de agenciamento, os transportes, a locação de veículos ou embarcações, os espaços de eventos e as empresas organizadoras.
- Infra-estrutura básica: fazem parte as vias de acesso, saneamento básico, rede de energia elétrica, comunicações, sinalização turística e iluminação pública, entre outros.
- Serviços urbanos de apoio ao turista: fazem parte os serviços bancários, de saúde, de transporte, de segurança, de apoio a automobilistas, comércio etc.

Os elementos citados anteriormente são necessários em conjunto para que o recurso passe a se tornar atrativo, de acordo com Ignarra (2011, p.53) o conceito de atrativo turístico é complexo, sendo relacionado com as motivações dos turistas, por exemplo, um santuário religioso pode ter grande atratividade para adeptos de uma religião e nenhuma para outras, o atrativo precisa de acesso, equipamentos e serviços. A partir do atrativo podemos conceituar produto turístico, sendo a somatória de atrativo turístico + os serviços turísticos + infra-estrutura básica + infra-estrutura de apoio.

2.1.2 Mercado Turístico e segmentação de mercado

A segmentação de mercado é um meio pelo qual operadoras de viagens podem oferecer opções de divertimento a grupos específicos e conseqüentemente, produtos que atenderão suas necessidades. A segmentação é essencial para quem deseja planejar um destino turístico, assim, o produto, os serviços e a infra-estrutura atenderão as necessidades da demanda. (MCKERCHER, 2002, p. 172).

O motivo da viagem é o principal meio disponível para se segmentar o mercado. Os maiores segmentos de mercado são: turismo de férias; de negócios; desportivos; ecológico; rural; aventura; religioso; cultural; científico; gastronômico; de saúde. Para cada produto turístico pode-se identificar um tipo de mercado (esquema 1), real ou potencial. (BENI, p.171, 1997)



Esquema 1 – mercado turístico

Fonte: adaptado de BENI, Mário. Análise Estrutural do Turismo. 13ª Edição, p.163-171, 1997.

2.2 PLANEJAMENTO TURÍSTICO

O planejamento turístico é um conceito que pode atingir vários segmentos do turismo. O planejamento envolve muitas pessoas, beneficiando a comunidade local, mas também a preservação do patrimônio natural.

Hoje, o planejamento está no dia-a-dia, pois o princípio básico do planejamento é identificar uma situação que esteja faltando e traçar ações futuras para a melhoria das mesmas. Na realidade de acordo com Fernandes (2011, p.5) pode-se afirmar que planejamento é um processo que permite prever e avaliar ações futuras, com vistas à tomada de decisões mais racionais e eficientes, o planejador pode no presente criar metas para os obstáculos futuros.

Planejar é uma atividade que permite estabelecer objetivos e metas, buscando formas de responder aos problemas encontrados. Petrocchi (2002, p.19) afirma que planejar:

- É pré-determinar um curso de ação para o futuro;
- Conjunto de decisões interdependentes;
- Processo contínuo que visa produzir um estado futuro desejado, que somente acontecerá se determinadas ações forem executadas;
- É atitude anterior a tomada de decisão.

Na atividade de planejamento, qualquer detalhe, por menor que seja ou pareça, tem que ser avaliado. Devem-se levar em consideração, as pesquisas, as metas, os objetivos, as estratégias, as etapas, a estrutura básica, os programas e os projetos (FERNANDES, 2011, p.14).

O planejamento também pode ser definido como uma atividade que tem a intenção de estabelecer condições favoráveis para alcançar objetivos propostos. Ele tem por objetivo as facilidades e serviços para que uma comunidade atenda seus desejos e necessidades. (RUSCHMANN, 2005, p.83).

Para Luiz Renato Ignarra (2011, p.82) o planejamento, significa a busca para sete perguntas básicas:

1. O quê?
Define o objeto do planejamento.
2. Por quê?
Definem os objetivos, as justificativas.
3. Quem?
Define os agentes e os destinatários do planejamento.
4. Como?
Definem os meios para se alcançar os objetivos.
5. Aonde?
A localização do que se quer planejar.
6. Quando?
Estabelecem o cronograma das atividades para se atingir os objetivos estabelecidos.
7. Quanto?
Análise do quanto é necessário para atingir os objetivos determinado, dimensiona os recursos humanos, materiais e financeiros.

Planejar exige mudanças no local onde está sendo trabalhado, os objetivos do planejamento indicam aonde se quer chegar. Os objetivos podem envolver localidades, regiões, países e continentes, envolvendo órgãos públicos e instituições privadas. Para Ruschmann (2005, p.85) esses objetivos são os seguintes:

- Definir políticas e processos de implementação de equipamentos e atividades, e seus respectivos prazos;
- Coordenar o desenvolvimento espontâneo;
- Promover incentivos para estimular a implantação de equipamentos e serviços;
- Maximizar os benefícios socioeconômicos e minimizar os custos;
- Garantir que os espaços para o desenvolvimento turístico não sejam utilizados para outras atividades;
- Minimizar a degradação dos locais e recursos;
- Cientificar a autoridade política responsável pela sua implantação;
- Capacitar os vários serviços públicos para a atividade turística;

- Garantir a introdução e o cumprimento dos padrões reguladores exigidos da iniciativa privada;
- Garantir que a imagem da destinação se relacione com a proteção ambiental e a qualidade dos serviços prestados.

A atividade de planejamento no setor turístico deve analisar todos os componentes, segmentações, complexidades, assim Fernandes (2011, p.8) analisa algumas características essenciais do planejamento, são elas:

- Estabelece uma relação entre passado, presente e futuro, possibilitando um grau maior de sucesso nas estratégias, objetivos e metas do plano.
- Define ações alternativas para os anos seguintes.
- Determina critérios para escolha das alternativas apresentadas.
- Antecipa soluções para problemas previsíveis.

O planejamento deve eliminar os problemas identificados, e assim, satisfazer a demanda. O consumidor final avaliará e determinará o quanto foram positivas às etapas do planejamento.

2.1.1 Etapas do planejamento: receptivo e infra-estrutura turística.

A atividade turística está se destacando em várias cidades do mundo. No Brasil, os municípios estão investindo na atividade, proporcionando renda, proteção e valorização dos patrimônios.

O planejamento é um fator essencial na incorporação da atividade em um município ou região. A atividade deve ser estruturada de acordo com o mercado, com objetivo no desenvolvimento sustentável e diminuição de gastos excessivos. Através do planejamento estudam-se os recursos turísticos e o que deve ser implantado.

De acordo com Barreto (2009, p.72) o planejamento turístico tem que ser um processo contínuo, orientado para a otimização da atividade turística na região. Apresenta-se a seguir as etapas do planejamento:

a) Escolha e delimitação

Nessa etapa o planejador deve decidir o que planejar e delimitar a área que vai ser trabalhada, deixando claro também o que não vai ser objeto do planejamento. Essa etapa resultará em instrumentos concretos, tais como estudos cartográficos, aerofotogramas, ciclogramas, maquetes e relatórios. (BARRETO, 2009, p.72).

b) Estudo/diagnóstico

A pesquisa não deve ser realizada apenas para obtenção de dados, mas sim criando uma análise para decisões futuras. A etapa do estudo/diagnóstico pode ser definida como de investigação, reflexão e compreensão de dados provenientes da realidade encontrada. Dentre as etapas do planejamento é a mais demorada, onde deve ser realizado um estudo exploratório, seguido por uma coleta cumulativa que permitirá a identificação de fatos e tendências. (BARRETO, 2009, p. 73)

Para obter sucesso em outras etapas, a de estudos deve conter dados precisos, fornecendo a próxima etapa melhores informações, facilitando a tomada de decisões.

c) Definição de objetivos

Para definir o objetivo é preciso ter em mente as variáveis, que devem ser relacionadas entre si e com o exterior. Os objetivos devem ser claros, e deve depender dos interesses de quem decide, da capacidade de negociar de todos os envolvidos, das relações entre a variável e o meio, da política e diretrizes. (BARRETO, 2009, p. 76).

d) Alternativas de intervenção

Essa etapa do planejamento tem que responder algumas perguntas básicas, como: “o que fazer?”, “como fazer?”, “quando?”, “onde?”, “por quê?”, “para que?”.

De acordo com Barreto (2009, p. 79) depois de definido o que será feito e em quanto tempo, a etapa seguinte é como fazer, pensando na forma mais eficaz e eficiente possível. Devem ser realizados estudos de viabilidade econômica e social, análise de custo e benefício, aprofundando os estudos realizados na primeira etapa.

Essa etapa resulta em projetos ou programas, para escolha das melhores alternativas.

e) Implementação

Nessa etapa vai ser executado o projeto. Alguns fatores são necessários para a execução como a infra-estrutura e a superestrutura, contratação de funcionários, alvarás de funcionamento. São fatores que vão desde leis, até como será realizado o marketing do local.

A etapa de implementação, fica evidente a necessidade de participação da população local como prestadora de serviços turísticos e também da iniciativa privada e poderes públicos como incentivadores do turismo no local.

f) Execução, controle e avaliação

O controle consiste na verificação do planejado e executado. Esse processo deve acompanhar a execução do projeto (BARRETO, 2009, p.82). Os instrumentos usados para controle são gráficos, estatísticas, mapas, ou seja, documentos que tem origem nas entrevistas, pesquisas de demanda, vídeos e outras formas de registro.

Nessa etapa o planejamento deve mostrar resultados a médio e longo prazo. Esse item é crucial no turismo, porque acaba criando expectativas que em curto prazo, o local planejado já esteja proporcionando resultados imediatos.

Nas etapas do planejamento serão realizados projetos ou programas que envolvam comunidade local, iniciativa privada e pública, bem como a superestrutura local e o melhoramento da infra-estrutura. Serão determinadas a capacidade de carga, os materiais para recuperação e implemento da infra-estrutura, as alterações que devem ser feitas para a demanda designada, a localização de placas de sinalização turística e os serviços a serem prestados ao visitante.

De acordo com Ministério do Turismo (2007, p.72):

“Dotar um município ou região de infra-estrutura turística de apoio é proporcionar as bases para a expansão da atividade turística, por meio da criação de condições para implantação de equipamentos, para o acesso de turistas, para a melhoria da qualidade do produto turístico e o fortalecimento da economia da região.”

Enquadra-se na infra-estrutura turística segundo Beni (2008, p.110), os alojamentos hoteleiros, restaurantes, lanchonetes, agências de viagens, transportadoras e locadoras. Junto com ela temos a infra-estrutura básica, sendo saneamento básico, iluminação, segurança, acesso entre outros e a infra-estrutura de apoio sendo bancos, mercados, farmácias entre outros.

A qualificação dos profissionais ligados a atividade turística agrega valor à infra-estrutura, sendo determinante na busca pela qualidade. Os prestadores de serviço devem atender com postura hospitaleira e possuir conhecimento sobre a região.

Por mais que a região tenha atrativos, ela não é capaz de atrair e ampliar a permanência dos visitantes, se faz necessário uma infra-estrutura turística ligada a infra-estrutura básica, pois só assim o visitante terá serviços adequados. A qualidade e a infra-estrutura são essenciais para regiões, cidades ou locais que se vendem como oferta turística. (Ministério do Turismo, 2007, p. 20).

A infra-estrutura tem o objetivo de garantir a sustentabilidade e incentivar a preservação dos patrimônios. Portanto, para que a infra-estrutura possua manutenção, devem-se elaborar estratégias, cobrar taxas de visitas e planejar antecipadamente as ameaças.

Percebe-se que a infra-estrutura tem papel fundamental no turismo. A comunidade deve ser inserida no processo de desenvolvimento da infra-estrutura, gerando qualidade nos atrativos, além de permitir a sustentabilidade através de um planejamento bem elaborado.

3. TURISMO EM ÁREAS NATURAIS: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Com o aumento da urbanização e outros inúmeros fatores, o turismo em áreas naturais, tem ganhado forte estímulo. O interesse global pela preservação, fez crescer o desejo das pessoas de conhecer os ambientes naturais. “O anseio por um estilo de vida mais saudável instigou os visitantes a abandonar as tradicionais férias de sol, areia e mar por alternativas mais movimentadas.” (MCKERCHER, 2002, p.17); a urbanização é um forte estímulo para o turismo em áreas naturais, sendo atrativo para turistas de perfis diferentes do início da realização dessas atividades.

A falta da área “verde” e os impactos causados pela vida urbana, fez com que, durante as férias, os fins de semana e os feriados as pessoas buscassem áreas naturais para obter lazer e experimentar novas atividades.

Quando se estuda a clientela adepta ao turismo em áreas naturais, Ruschmann (2005, p.17) afirma que:

O turismo sustentável incrementará os custos de seu desenvolvimento, que se reverterão no aumento do preço das viagens para os turistas. A determinação da capacidade de carga dos espaços turísticos limitará o acesso de pessoas em determinadas áreas, o que gerará uma demanda maior que a oferta que, conseqüentemente, aumentará os preços para os visitantes. Por isso, o turista de massa não terá acesso a esses espaços e o turista de elite voltará a predominar nesse contexto.

Futuramente em locais onde o turismo em áreas naturais estiver presente, a tendência é que encontre grupos pequenos, com grau de escolaridade elevado e com sensibilidade ambiental aguçada. Como característica dos turistas dessa segmentação pode-se citar:

1. A inter-relação entre o turismo e o meio ambiente;
2. O contato com a natureza;
3. “Fuga das cidades” e da “busca pelo verde”.

Diante disso, segundo Meckercher (2002, p.167 e 168) as motivações dos adeptos do turismo de natureza são diferentes das apresentadas pelas pessoas que optam por outras atividades. Os estímulos que o levam a viajar englobam:

- Objetivos culturais e educacionais;
- Busca de experiências exóticas;
- Oportunidade de desenvolver novas amizades;

- Desafio ou teste pessoal;
- Exploração, montanhismo, *trekking*;
- Oportunidade de experimentar um novo estilo de vida.

A natureza e todos os elementos que fazem parte tornam-se um atrativo para a descoberta, a educação, o incentivo, o espírito de aventura e, dessa forma, dão origem a um novo mercado.

Com o aumento da demanda e a utilização dos espaços naturais para a atividade turística, o planejamento torna-se um fator primordial, principalmente para alcançar a sustentabilidade local, segundo Ruschmann (2005, p.19) o fluxo em massa para esses locais, extremamente sensíveis, deve ser avaliado, observando e analisando seus efeitos negativos para que, esse valioso patrimônio da humanidade não se degrade.

Diante dos impactos ambientais e suas conseqüências, será citado a seguir, os impactos positivos e negativos do turismo em áreas naturais. Ainda de acordo com Ruschmann (2005, p.63 e 64)

Impactos positivos

- Criação de áreas, programas e entidades de proteção ambiental.
- Campanhas e programas de proteção ambiental.
- Desenvolvimento do orgulho nas comunidades receptoras.
- Favorecimento da comunidade receptora através de serviços e atendimento as necessidades básicas.
- Ambientalistas se engajam nos programas de ecoturismo e atuam como guias e instrutores na orientação e educação ambiental das comunidades locais e dos turistas.

Impactos negativos

- Acumulo de lixo nas margens de trilhas;
- Contaminação das fontes e dos mananciais perto de alojamentos;
- Alteração da temperatura das cavernas e grutas e aparecimento de fungos nas rochas, causados pelo sistema de iluminação;
- Pinturas e rasuras em rochas ao ar livre.

- Coleta e destruição da vegetação as margens da trilha;
- Alargamento e pisoteio da vegetação das trilhas;
- Turistas que alimentam animais;
- O lixo e o abandono de restos de comida;
- Incêndios em áreas secas, causadas por fogueiras, fósforo ou cigarro;
- Desmatamento para construção de equipamentos de apoio;

Percebe-se que os impactos negativos são bem maiores que os positivos. Esse fato tem que ser analisado por órgãos que administram as áreas naturais. Por esses e outros motivos o planejamento turístico é essencial nessas áreas, pois alguns danos são irreversíveis e comprometem as características naturais desses meios.

3.1 SUSTENTABILIDADE NO TURISMO

Sustentabilidade consiste em utilizar os atrativos, buscando o mínimo impacto negativo possível. Cabe acrescentar que o homem deve, pelo menos, adaptar-se a um modo de vida mais sustentável. As mudanças e os resultados positivos devem ser explorados como incentivo para o crescimento dessa consciência, fazendo com que mais pessoas pratiquem.

Sustentabilidade pode ser definida como a capacidade de satisfazer as necessidades atuais, sem prejudicar as gerações futuras. Para Ignarra (2011, p. 168) o desenvolvimento sustentado pressupõe algumas premissas básicas:

- Interdependência: o turismo afeta e é afetado por uma série de atividades sociais e econômicas e é preciso identificá-las para se trabalhar prioritariamente essas interdependências.
- Conhecimento prévio: deve-se conhecer a funcionalidade dos recursos.
- Multidisciplinaridade: o uso sustentado implica uma somatória de conhecimento em varias disciplinas.
- Preferência pelo natural: a premissa é de que o estado natural é sempre melhor do que o desenvolvido.
- Poder político: a premissa é de que as nações mais desenvolvidas são as maiores consumidoras dos recursos naturais, enquanto grande parte dos países pobres que são proprietários desses recursos não os desfruta.

O turismo é uma atividade importante para o crescimento da empregabilidade e da economia local, por isso, para que ocorra o desenvolvimento é necessária a minimização de impactos ambientais. “A expansão do turismo deve ocorrer até o limite da capacidade territorial de receber visitantes. Devem-se impor limites ao crescimento do turismo, pela preservação do meio ambiente, tanto do ponto de vista físico como do social.” (PETROCCHI, 1998, p.59); a sustentabilidade é essencial para o desenvolvimento do turismo, respeitando as tradições locais que incentivem a conservação da biodiversidade e principalmente proporcionem uma relação de respeito entre homem e natureza.

O Conselho Brasileiro para o Turismo Sustentável (apud FERNANDES, 2011, p.152) destaca os sete princípios a serem seguidos na gestão da atividade turística:

1. Respeitar a legislação vigente;
2. Garantir os direitos das populações locais;
3. Conservar o meio natural e sua diversidade;
4. Considerar o patrimônio cultural e os valores locais;
5. Estimular o desenvolvimento social e econômico dos destinos turísticos;
6. Garantir a qualidade de produtos, processos e atitudes;
7. Estabelecer o planejamento e a gestão responsáveis.

Para alcançar a sustentabilidade no turismo, deve-se planejar em longo prazo, o desenvolvimento deve encontrar o equilíbrio entre os interesses econômicos e a preservação ambiental.

Apontam-se quatro características para o desenvolvimento sustentável, de acordo com Ruschmann (2005, p.112), são elas:

- Respeito ao meio ambiente natural: o turismo não pode colocar em risco ou agredir irreversivelmente as regiões nas quais se desenvolve;
- Harmonia entre a cultura e os espaços sociais da comunidade receptora;
- Distribuição eqüitativa dos benefícios do turismo entre a comunidade receptora, os turistas e os empresários do setor;
- Um visitante mais responsável e atencioso, receptivo as questões da conservação ambiental, sensível as interações com as comunidades

receptoras, educado para ser menos consumista e adotar uma postura orientada para o entendimento e a compreensão dos povos e locais visitados.

Outro conceito importante é a “agenda 21”, sendo um programa que abrange questões ambientais e de desenvolvimento sustentável. Três organizações internacionais (Organização Mundial do Turismo, o Conselho Mundial de Turismo e Viagens e o Conselho Terra), uniram-se e elaboraram um relatório intitulado “Agenda 21 para Viagens e Turismo: rumo ao desenvolvimento Sustentável”.

O documento acrescenta a importância da parceria entre os governos, o turismo e as organizações não-governamentais, analisando os benefícios das viagens e do turismo e realça os impactos positivos que surgirão ao tornar o turismo sustentável.

John Swarbrooke (2000, p.18) destaca como poderia aplicar-se a agenda 21 ao turismo, ele inclui as seguintes seções:

- Avaliar as estruturas econômicas e de voluntários e a capacidade dos regulamentos existentes para produzir turismo sustentável;
- Treinar, educar e fomentar a conscientização do público;
- Planejar o desenvolvimento do turismo sustentável;
- Facilitar o intercâmbio de informações, capacitação e tecnologia ao turismo sustentável entre países desenvolvidos e países emergentes;
- Viabilizar a participação de todos os segmentos da sociedade;
- Designar novos produtos de turismo com sustentabilidade, como parte integrante do processo de desenvolvimento do turismo;
- Medir o processo na realização local do desenvolvimento sustentável;
- Parcerias para o desenvolvimento sustentável.

O turismo não deve apenas focar o aspecto econômico, mas também deve levar em conta a preservação ambiental. A melhor maneira de alcançar a sustentabilidade é através de planejamento de médio e longo prazo. Conclui-se que, o desenvolvimento sustentável busca a inter-relação entre: governo, turismo e instituições não-governamentais; preservação ambiental; importância do patrimônio natural; comunidade e entorno; educação ambiental e o mínimo impacto.

3.2 ECOTURISMO

A atividade denominada ecoturismo, segundo o Ministério do Turismo (2010, p.11), tem em seus objetivos à conservação ambiental aliada ao envolvimento das comunidades locais, devendo ser desenvolvido sob os princípios da sustentabilidade. No Brasil a atividade vem ganhando força, buscando uma harmonia entre crescimento econômico e preservação ambiental, garantindo que as populações futuras e atuais estejam satisfeitas com o patrimônio natural¹.

Dentro deste contexto, Pires (2002, p.104) defende que:

Ecoturismo é um segmento turístico em que a paisagem é a principal variável como ponto de confluência dos fatores ambientais e antrópicos². O objetivo é a integração do visitante com o meio natural e humano, e a população local participa dos serviços prestados ao turista. O ecoturismo prioriza a preservação do espaço natural em que é realizado e seu projeto contempla a conservação antes de qualquer outra atividade. [...]

A partir das definições citadas, podemos chegar aos seguintes princípios sobre o ecoturismo:

- O ecoturismo busca o desenvolvimento sustentável dos recursos;
- Harmonia entre crescimento econômico, preservação ambiental e igualdade social;
- Integração da população local;
- Integração do visitante com o patrimônio;
- Desenvolvimento planejado e controlado, baixo impacto e sustentabilidade;
- Não massificação;
- Educação e sensibilização.

Para que a prática do ecoturismo aconteça, segundo Pires (2002, p.149), a atividade deve ter as seguintes características:

- A ênfase na natureza, na história natural e na cultura dos destinos caracterizados pela sua originalidade e autenticidade;
- A preocupação com os impactos socioambientais da atividade nos destinos e com a sustentabilidade dos recursos utilizados;
- A prioridade à geração de benefícios advindos da atividade para as comunidades locais e a preocupação com seu bem-estar;

¹ A preservação do patrimônio natural fundamenta-se no valor humano e o interesse da preservação dos recursos naturais. (IPHAN, 2004, p. 3)

² Elemento humano com papel fundamental na organização e na modelagem das paisagens e por esta razão deve ser considerado como parte integrante do meio ambiente. (EMBRAPA, 2001)

- O apoio e engajamento nas ações de desenvolvimento conservacionista junto aos destinos;
- A opção pelo desfrute saudável e pela compreensão dos ambientes visitados via educação ambiental.

Com a preocupação cada vez maior com o meio ambiente, o ecoturismo é um dos segmentos que mais vem crescendo nos últimos anos. Desta forma, o ecoturismo está se transformando em um dos mercados mais promissores.

A atividade, além de proporcionar contato direto com a natureza, é uma prática sustentável. Sabendo disso, de acordo com Pires (p.140, 2002) alguns segmentos da sociedade têm interesse no desenvolvimento do ecoturismo, podendo ser assim identificados:

- O trade turístico: operadoras, agências, empresas de viagem, hotelaria, guias, ou seja, empresas que com o crescimento da atividade irão vender o destino turístico e hospedar o ecoturista;
- As organizações não-governamentais da área ambiental;
- A população residente nas destinações, contribuindo na qualificação profissional local;
- O público turista;
- O meio acadêmico;
- A mídia, com papel fundamental na divulgação do local, do status que proporciona e no incentivo a sustentabilidade.

Isso pode se confrontar, com os princípios do ecoturismo, já que têm características na sustentabilidade, educação ambiental e preservação da natureza, assim, os patrimônios naturais precisam limitar o número de turistas evitando o turismo de “massa”.

A partir disso, Mowforth e Mount (1998, apud FILHO, 2000, p.257) afirmam:

Todo projeto de turismo e lazer deve privilegiar totalmente o turismo sustentável, e nunca o turismo de massa. É indispensável considerar a capacidade de carga³ dos núcleos receptivos e o equilíbrio do ecossistema.

Em relação aos produtos oferecidos pelo ecoturismo, a escolha e o planejamento são essenciais devido à singularidade dos recursos naturais. Nesse sentido, de acordo com o Ministério do Turismo (2010, p.12) os produtos do ecoturismo apresentam peculiaridades que vão desde a escolha da área escolhida, a superestrutura e infra-estrutura, os atrativos que serão ofertados, as atividades realizadas, até a aplicação de um marketing responsável.

O turista que viaja para fazer ecoturismo busca além de todas as características citadas anteriormente, atividades que podem ser praticadas no patrimônio natural, sem que haja danos ao ambiente. O Ministério do Turismo (2010, p.28) apresenta algumas das atividades desenvolvidas na prática do ecoturismo. A seguir (quadro 1), as atividades com potencial para serem inseridas no Parque Nacional dos Campos Gerais:

(continua)

ATIVIDADES	DESCRIÇÃO
Observação da fauna	Possibilita ao turista observar o habitat de determinados animais, sem perturbá-los.
Observação da flora	Permite envolver a comunidade local através de usos tradicionais de determinadas plantas, podendo ampliar a experiência do visitante e promover o uso sustentável de elementos. Permite ao visitante compreender a diversidade da flora, sua forma de distribuição e as paisagens que compõem um bioma.

Quadro 1 - Atividades de Ecoturismo com potencial de serem inseridas no PNCG.

³ O desenvolvimento rápido e descontrolado do turismo em localidades naturais provoca excesso de demanda e oferta, que descaracterizam e fazem o destino perder as características que deram origem a atratividade. Por isso, é preciso identificar o conceito de capacidade de carga para o planejamento do turismo, considerando que se trata de uma noção que reconhece que tanto os recursos naturais como os construídos pelo homem têm um limite de visitantes, que quando ultrapassados provocam a deterioração do local. (RUSCHMANN, 2005, p. 116).

(continua)

ATIVIDADES	DESCRIÇÃO
Observação de formações geológicas	Atividade que consiste em caminhada por áreas com características geológicas peculiares. Essa atividade proporciona ao turista, discutir sobre a origem da biodiversidade, por meio de transformações encontradas na região.
Visitas a caverna (espeleoturismo)	As cavernas são habitat para espécies ameaçadas de extinção, nessa atividade o turista pode observar a fauna e a flora. Além desses benefícios as visitas em cavernas exercem fascínio pela grande beleza cênica.
Observação astronômica	Observação de estrelas, astros, eclipses, queda de meteoros, em locais preferencialmente com reduzida influência de iluminação artificial.
Caminhadas	Atividade realizada a pé, procurando o contato com a natureza sem uso de veículos. Existem caminhadas de um ou mais dias, podendo realizar a pernoite em acampamentos ou meios de hospedagem.
Trilhas interpretativas	As trilhas podem ser um dos principais atrativos de uma localidade, mas em função da quantidade de informações disponíveis no ambiente, faz-se necessário identificar locais de maior potencial de atratividade ao visitante, para que este possa ter ampliado sua satisfação e interesse nos momentos de interatividade.

Quadro 1 – Atividades de Ecoturismo com potencial de serem inseridas no PNCG.

(conclusão)

ATIVIDADES	DESCRIÇÃO
Safáris fotográficos	Atividade organizada para tirar fotografias, os locais que chamam atenção são paisagens singulares ou animais. Pode ser realizada a pé ou com um meio de transporte.

Quadro 1 – Atividades de Ecoturismo com potencial de serem inseridas no PNCG.

Fonte: adaptado do Ministério do Turismo. Ecoturismo: Orientações Básicas. 2ª Edição, p.28-30, 2010

Algumas das atividades citadas terão significativa gama de importância, podendo ser atividades que o Parque irá oferecer desde que cumpram premissas e atitudes estabelecidas pelo ecoturismo.

3.3 TURISMO DE AVENTURA

Dentre as segmentações de turismo em áreas naturais, outro tipo de atividade potencial é o turismo de aventura. Filho (2000, p.275) o conceitua como sendo: “programa em que o contato com a natureza requer grandes esforços, assumindo conotação de desafio e envolvendo expedições acidentadas, viagens arrojadas e imprevistos.” Seu crescimento vem trazendo uma diversidade de ofertas, o turismo de aventura, possui características e mercado diferenciado dos turistas “tradicionais”.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Moreira e Rocha (2007, p.209) explicam que o objetivo principal do turismo de aventura é a busca por experiências que tragam emoção e “adrenalina”. De acordo com Filho (2000, p.275) estima-se que, em 1998, o turismo de aventura tenha rendido US\$ 8 bilhões em vendas globais, dentre os segmentos é um dos que mais cresce no turismo.

O Ministério do Turismo (2010, p.16) apresenta as seguintes características para o turismo de aventura:

- **Diversidade:** a atividade possui uma variedade de locais e atividades para ser realizada. O número de atividades tende a aumentar com os avanços tecnológicos e equipamentos.

- Gestão de riscos: atividades de aventura expõem ao praticante alguns riscos pessoais e materiais que podem variar de intensidade conforme o local e a atividade realizada. A segurança é um dos requisitos indispensáveis para a realização dessa atividade.
- Participação e interação: o turismo de aventura favorece o estreitamento da relação positiva entre turistas, dos turistas com os profissionais responsáveis pelo atendimento e condução, do turista com o meio ambiente.

As atividades realizadas nesse segmento, não podem ser confundidas com o esportista, uma vez que, os objetivos de cada atividade são diferentes. O Ministério do Turismo (2010, p.14) diferencia as atividades do turismo de aventura e de esporte, no turismo de aventura as atividades são de caráter recreativo e não competitivo e no esporte o objetivo principal é a competição.

Para o Ministério do Turismo (2010, p.18), seguem abaixo (quadro 2) as principais atividades de turismo de aventura. A seguir, as atividades com potencial para serem inseridas no Parque Nacional dos Campos Gerais:

(continua)

ATIVIDADES	DESCRIÇÃO
Arvorismo	Travessia ou locomoção por percurso em altura instalado entre arvores ou outras estruturas.
<i>Bungee jump</i>	Através de um elástico desenvolvido para a atividade, uma pessoa se desloca em queda livre, limitada ao amortecimento do equipamento.
Cachoeirismo	Descida em queda d'água, utilizando técnicas verticais.
Canionismo	Descida em queda d'água, usualmente em cânions.
Caminhada	Percurso a pé em itinerário predefinido.
Caminhada (sem pernoite)	Caminhada de um dia.

Quadro 2 – Atividades de turismo de Aventura com potencial de serem inseridas no PNCG

(continua)

ATIVIDADES	DESCRIÇÃO
Caminhada de longo curso	Esse tipo de atividade envolve pernoite. O acampamento pode ser realizado em vários locais, nessa atividade o praticante carrega equipamento para realização do pernoite e alimentação.
Cavalgadas	Percurso que envolvem a montaria.
Cicloturismo	Atividade que tem como elemento principal a realização do percurso com o uso de bicicleta, podendo ocorrer pernoite.
Espeleoturismo	Atividades desenvolvidas em cavernas, com caráter recreativo.
Escalada	Subida em paredes, montanhas ou blocos rochosos, utilizando equipamentos específicos.
Tirolesa	Travessia por cabos, ligando dois pontos afastados na horizontal ou desnível.
Bóia-croos	Atividade prática em um minibote inflável, onde é realizada a descida do rio.
Canoagem	Atividade prática em canoas e caiaques, em mar, rios, lagos, águas calmas ou agitadas.
<i>Duck</i>	Descida de rios com corredeiras, a diferença para o bóia-cross, é que essa atividade envolve somente duas pessoas.
<i>Rafting</i>	Descida de rios com corredeiras utilizando botes infláveis.
<i>Rappel</i>	Descida em meio à natureza.
Balonismo	Atividade aérea feita em um balão de material adequado e que depende de um piloto.

Quadro 2 – Atividades de turismo de Aventura com potencial de serem inseridas no PNCG

(conclusão)

ATIVIDADES	DESCRIÇÃO
Pára-quedaismo	Salto em queda livre com o uso de pára-quadras para aterrissagem, normalmente a partir de um avião.
Vôo livre	Atividade com uso de uma estrutura, onde a manobra e vôo são realizados por um piloto.

Quadro 2 – Atividades de turismo de Aventura com potencial de serem inseridas no PNCG

Fonte: adaptado do Ministério do Turismo. Turismo de Aventura: orientações básicas. 3ª Edição, p. 18-20, 2010.

Pelo fato da região onde o Parque Nacional dos Campos Gerais se encontra possuir um relevo acidentado, paisagens singulares e variedade no ecossistema, algumas das atividades citadas terão significativo potencial, podendo ser uma das atividades que o Parque irá oferecer desde que cumpram as regras estabelecidas pelo turismo de aventura.

De acordo com Moreira e Rocha (2007, p.210):

Entretanto, essas ações ainda são muito discretas, e deverão ser planejadas, incentivadas e operadas adequadamente. Além dessas atividades, outros tipos de turismo praticados em áreas naturais também podem ser estimulados. É o caso do geoturismo, pois muitas das UCs discutidas encerram testemunhos de fenômenos geológicos, que podem ser utilizados como atrativos turísticos. Para tanto, é necessário o correto planejamento e manejo dessas áreas, além da adequada divulgação.

Pode-se analisar que o turista de natureza preocupa-se com a conservação e a proteção do meio ambiente, bem como o desenvolvimento sustentável da atividade. A partir disso, conclui-se que, tanto o ecoturista como o turista de aventura vêm nas atividades de contato com a natureza, uma forma de fugir da rotina do meio urbano.

4. ÁREAS PROTEGIDAS – UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

4.1 CONCEITOS

A preocupação com o meio ambiente, fez com que o governo, com finalidade de conservar as áreas naturais criasse o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), possibilitando ao mesmo o monitoramento e gerenciamento dos patrimônios naturais.

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação pode ser entendido como um conjunto de áreas naturais protegidas. É composto por 12 categorias de unidades de conservação (UC), cujos objetivos se diferenciam quanto à forma de proteção e usos permitidos. (SNUC - MMA, 2013).

O SNUC, criado em 2000, surgiu da necessidade de diminuir os impactos causados nas áreas naturais, tendo, o mesmo, o objetivo de estabelecer critérios e leis para criar, implantar e administrar uma unidade de conservação. De acordo com Ministério do Meio Ambiente (2013) o SNUC tem os seguintes objetivos:

- Contribuir para a preservação da Fauna e Flora no território Nacional;
- Proteger espécies ameaçadas de extinção;
- Contribuir para a restauração da diversidade dos ecossistemas naturais;
- Promover o desenvolvimento sustentável;
- Proteger paisagens naturais;
- Proteger as características relevantes de natureza geológica, morfológica, geomorfológica, espeleológica, arqueológica, paleontológica e cultural;
- Incentivar a pesquisa científica, estudos e monitoramento ambiental;
- Valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica.

De acordo com o ICMBio (2013), uma Unidade de Conservação é:

Uma área que assegura o patrimônio natural e o modo de vida de povos e comunidades tradicionais, reconhecendo o espaço como um bem público que promove os processos ecológicos, resultando em serviços ecossistêmicos (água, clima, solo, etc) e permitindo a conservação das espécies.

No quadro abaixo (quadro 3), pode-se observar os grupos e categorias nas quais as UC foram divididas, assim como a descrição e objetivos principais da sua criação.

(continua)

GRUPO DE MANEJO	DESCRIÇÃO	CATEGORIA DE MANEJO	OBJETIVOS
UNIDADES DE PROTEÇÃO INTEGRAL	São as unidades que tem como objetivo básico a preservação da natureza. Nelas só se admite o uso indireto dos recursos naturais, isto é, aquele que não envolve consumo, coleta, dano ou destruição.	Estação Ecológica	Preservar a natureza e realizar pesquisas científicas.
		Reserva Biológica	Preservar o bioma e os demais atributos naturais existentes em seus limites.
		Parque Nacional	Preservar ecossistemas naturais de relevância ecológica e beleza cênica, pesquisas científicas, atividades de educação ambiental, recreação e turismo ecológico.
		Monumento Natural	Preservar sítios naturais raros, singulares ou de grande beleza cênica
		Refúgio de Vida Silvestre	Proteger ambientes, proporcionando condições para existência e reprodução de espécies.

Quadro 3 – Categoria das Unidades de Conservação

(continua)

GRUPO DE MANEJO	DESCRIÇÃO	CATEGORIA DE MANEJO	OBJETIVOS
UNIDADES DE USO SUSTENTÁVEL	O objetivo básico é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais.	Área de Proteção Ambiental	Proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.
		Área de Relevante interesse Ecológico	Manter ecossistemas naturais e regular o uso dessas áreas.
		Floresta Nacional	Uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e pesquisa científica, com ênfase em métodos de exploração sustentável de florestas nativas.
		Reserva Extrativista	Proteger os meios de vida e a cultura das populações tradicionais e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais.

Quadro 3 – Categoria das Unidades de Conservação

(conclusão)

GRUPO DE MANEJO	DESCRIÇÃO	CATEGORIA DE MANEJO	OBJETIVOS
		Reserva de fauna	Áreas naturais com populações animais nativas, adequadas para estudo científico sobre manejo econômico sustentável de recursos faunísticos.
		Reserva de desenvolvimento sustentável.	Área natural que abriga populações tradicionais, cuja existência se baseia na exploração de recursos naturais.
		Reserva particular do patrimônio natural.	Conservar a diversidade biológica, pesquisa científica, visitação com objetivos turísticos, recreativos e educacionais.

Quadro 3 – Categoria das Unidades de Conservação

Fonte: adaptado de ICMBio – Unidades de Conservação (2013)

As unidades de conservação podem ser administradas por órgãos públicos ou privados. Nas unidades onde a administração é particular, por exemplo, os proprietários podem utilizar suas áreas para atividades particulares e também relacionadas ao turismo, desde que respeitem as normas do SNUC. Já os Parques Nacionais são administrados pelo ICMBio, como é o caso do Parque Nacional dos Campos Gerais.

4.1.1 Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)

O Instituto Chico Mendes tem sede nacional em Brasília-DF e ao todo administra 312 unidades de conservação federais e 11 centros de pesquisa e conservação. O ICMBio é uma autarquia em regime especial. Criado em 28 de agosto de 2007, pela lei 11.516, o ICMBio é vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e integra o Sistema Nacional do Meio Ambiente. (Sisnama apud ICMBio, 2013)

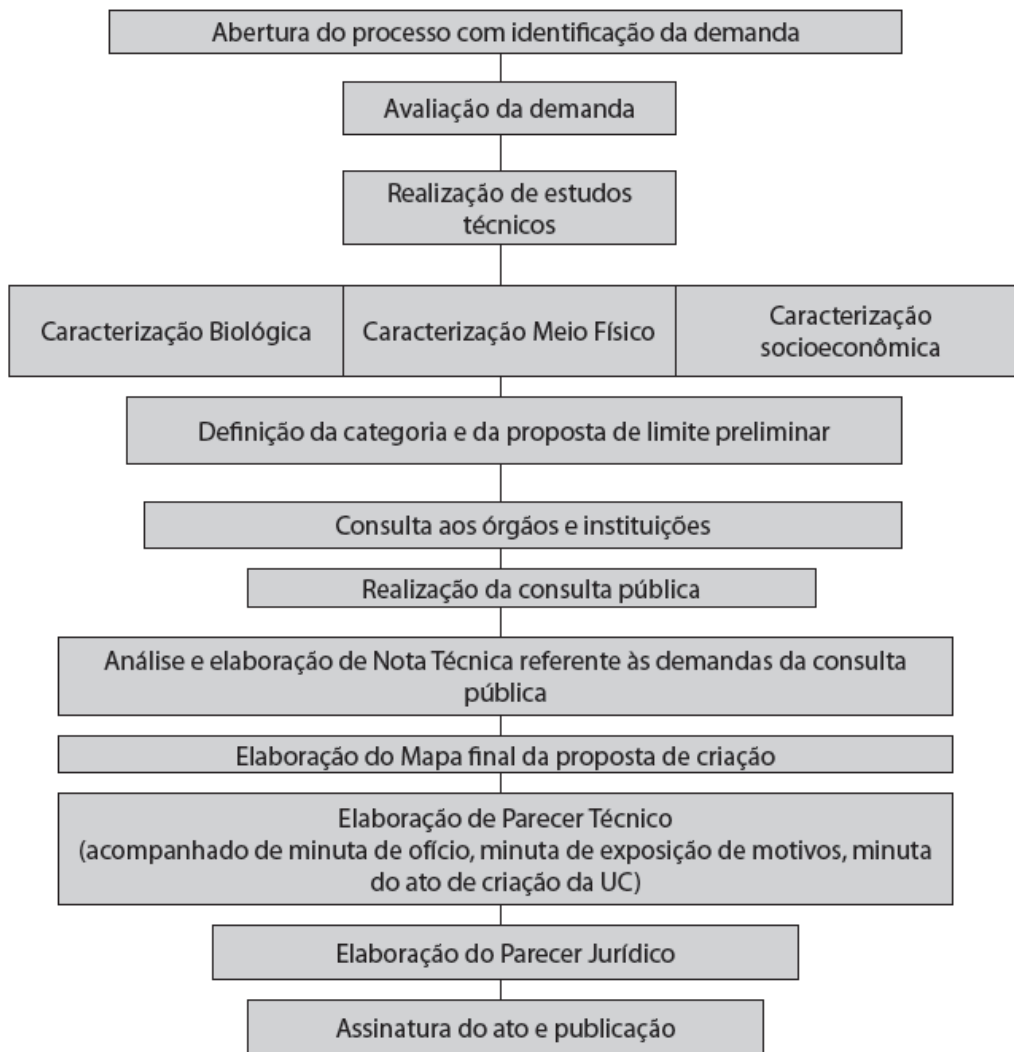
Entre os principais objetivos do ICMBio estão:

- Administrar as unidades de conservação;
- Propor estratégias;
- Executar a criação de novas unidades de conservação;
- Regularização fundiária;
- Apoiar a implantação das leis do Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

O instituto deve contribuir para a recuperação de áreas degradadas, fiscalizando e aplicando penalidades aos responsáveis pela administração ambiental quando não cumpridas às medidas necessárias à preservação ou correção da degradação ambiental.

De acordo com o ICMBio (2013) sua missão é proteger o patrimônio natural e promover o desenvolvimento socioambiental. Isso se dá por meio da gestão das UC, da promoção do desenvolvimento socioambiental das comunidades tradicionais nas áreas de uso sustentável, da pesquisa e gestão do conhecimento, da educação ambiental e do fomento ao manejo ecológico.

Criar novas unidades de conservação é outra missão do ICMBio, para a criação são realizadas análises para saber se o espaço deve ser protegido. A seguir (fluxograma 1) os procedimentos para criação das unidades de conservação municipais:



Fluxograma 1 – Procedimentos para Criação de Unidades de Conservação.

Fonte: Ministério do Meio Ambiente. Roteiro para Criação de Unidades de Conservação Municipais. 2010, p. 38.

O Parque Nacional de Yellowstone foi à primeira unidade de conservação criada no mundo. No Brasil a primeira unidade foi o Parque Nacional do Itatiaia em 1937, posteriormente veio à criação do Parque Nacional do Iguaçu – Paraná e o Parque Nacional da Serra dos Órgãos no Rio de Janeiro em 1939.

4.1.2 Parques Nacionais

Um Parque Nacional deve englobar dentro de seus limites valores naturais de grande relevância ecológica, ocupando uma superfície que justifique sua preservação, podendo acolher um turismo organizado.

De acordo com Filho (2000, p.196) parques nacionais são:

Área de extensão variável, de terra ou de água, que contem formações ou paisagens de significado nacional, onde espécies, vegetais ou animais, sítios geomorfológicos e habitats são de grande interesse científico, educacional e recreativo. A excepcionalidade que justifica a conservação reside em aspectos geológicos, hídricos, na flora, na fauna etc. – fatores que devem ser considerados isoladamente ou em conjunto.

No Brasil há três categorias de Parques: os estaduais, municipais e federais. Os Parques Nacionais, assim como outras unidades são geridos pelo ICMBio. Conforme o regulamento do Congresso Nacional sobre Unidades de Conservação (2000), Parque Nacional é uma área de relativa extensão que:

- Apresenta um ou mais ecossistemas, geralmente não alterados pela ocupação humana, onde seus recursos naturais oferecem interesse especial do ponto de vista científico, educacional, recreativo, ou onde existem paisagens naturais de grande relevância cênica.
- Onde a mais alta autoridade competente do país tomou medidas para impedir ou eliminar, o mais cedo possível, a causa das alterações ambientais e para efetivamente proteger os fatores biológicos, geomorfológicos ou estéticos que justificam sua criação.
- Onde a visitação está autorizada, sob condições propostas pela administração, para propósitos educativos, culturais e recreativos.

Um Parque Nacional possui ecossistemas que sofreram pouca ou nenhuma alteração por exploração e ocupação humana, assim os órgãos públicos através das unidades de conservação garantem a integridade das formações geológicas, geomorfológicas ou estéticas.

4.2 PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS

O Parque Nacional dos Campos Gerais foi criado em 23 de março de 2006, englobando parte dos municípios de Ponta Grossa, Carambeí e Castro. De acordo com o ICMBio (2012, p. 03) a categoria de Parque Nacional foi escolhida para a unidade em função dos seus elevados atributos cênicos de campos com capões e matas de galeria incluindo cachoeiras e furnas. A área também é abrigo para espécies ameaçadas da fauna e flora.

A criação do Parque sofreu resistência dos proprietários da região, argumentando sobre a existência de áreas de campo utilizadas para agricultura. As propriedades particulares localizadas dentro dos limites do Parque necessitam ser desapropriadas e passam ao domínio público. Segundo o ICMBio (2012, p. 4) o PNCG possui dezenas de propriedades particulares com atividades econômicas incompatíveis com a categoria de Parque Nacional, tais como criação animal, produção de grãos e silvicultura, além de subsidiarem a caça, pesca e a coleta de espécies da fauna e flora.

O Parque Nacional dos Campos Gerais está localizado próximo ao centro da cidade de Ponta Grossa e 120 km da cidade de Curitiba. Antes de sua conservação já havia a exploração turística, evidentemente as áreas recebem visitantes sem números da capacidade de carga e infra-estrutura adequada.

Todos os atributos para visitação estão presentes no Parque: belezas cênicas e locais para atividades de recreação. Os recursos turísticos somados chegam a receber 2000 pessoas em finais de semana de calor, se este número se confirmar a área do Parque já recebe entre 30.000 e 40.000 visitantes por ano. (ICMBio, 2012, p.6). Diante dessa realidade se faz necessária à parceria com os proprietários ou efetuar a desapropriação a fim de adequar os recursos para visitação. Outra parceria importante seria com órgãos públicos e incentivos da população local, para infra-estrutura e divulgação do Parque.

4.2.1 Relevo e Hidrografia

Os Campos Gerais ocupam a porção leste do Segundo Planalto Paranaense, na escarpa devoniana. Nas proximidades da escarpa devoniana as amplitudes são grandes, com frequentes encostas, com *canyons* e trechos de rios encaixados, com inúmeras cachoeiras e corredeiras sobre leito rochoso. Afastando-se da escarpa, passa a predominar paisagens de topografia suavemente ondulada, formada por conjuntos de colinas. (MELO et al, 2007, p.50)

Melo et al (2007, p.50) diz que quase todos os rios da região pertencem a bacia hidrográfica do Rio Paraná. A exceção é representada pelos rios Ribeira e Açungui, que tem suas nascentes na escarpa devoniana, na região de Ponta Grossa. Localizado na região dos recursos turísticos nos Campos Gerais, temos o

Rio Quebra-Perna, que percorre os arenitos da formação Furnas. De acordo com Massuqueto (2012, p.39) próximo a escarpa devoniana há presença de *canyons*, falhas e demais estruturas tectônicas que influenciam no gradiente hidráulico dos rios da região.

4.2.2 Clima nos Campos Gerais

O clima nos Campos Gerais apresenta algumas variações, mas analisando os dados recentes é possível identificar dois climas para a região. De acordo com IAPAR (2012) dentro da classificação de Köppen o clima é subtropical e temperado com temperatura média inferior a 18°C nos meses frios e acima de 22°C nos meses quentes. O clima é com verões quentes, geadas freqüentes no inverno e chuvas sem estação definida.

Nos últimos anos tem se observado os fenômenos “El Niño” e “La Niña”, influenciando o clima no estado. Nos Campos Gerais esse fenômeno interfere na temperatura em geral e períodos de chuva e seca.

4.2.3 Fauna e Flora

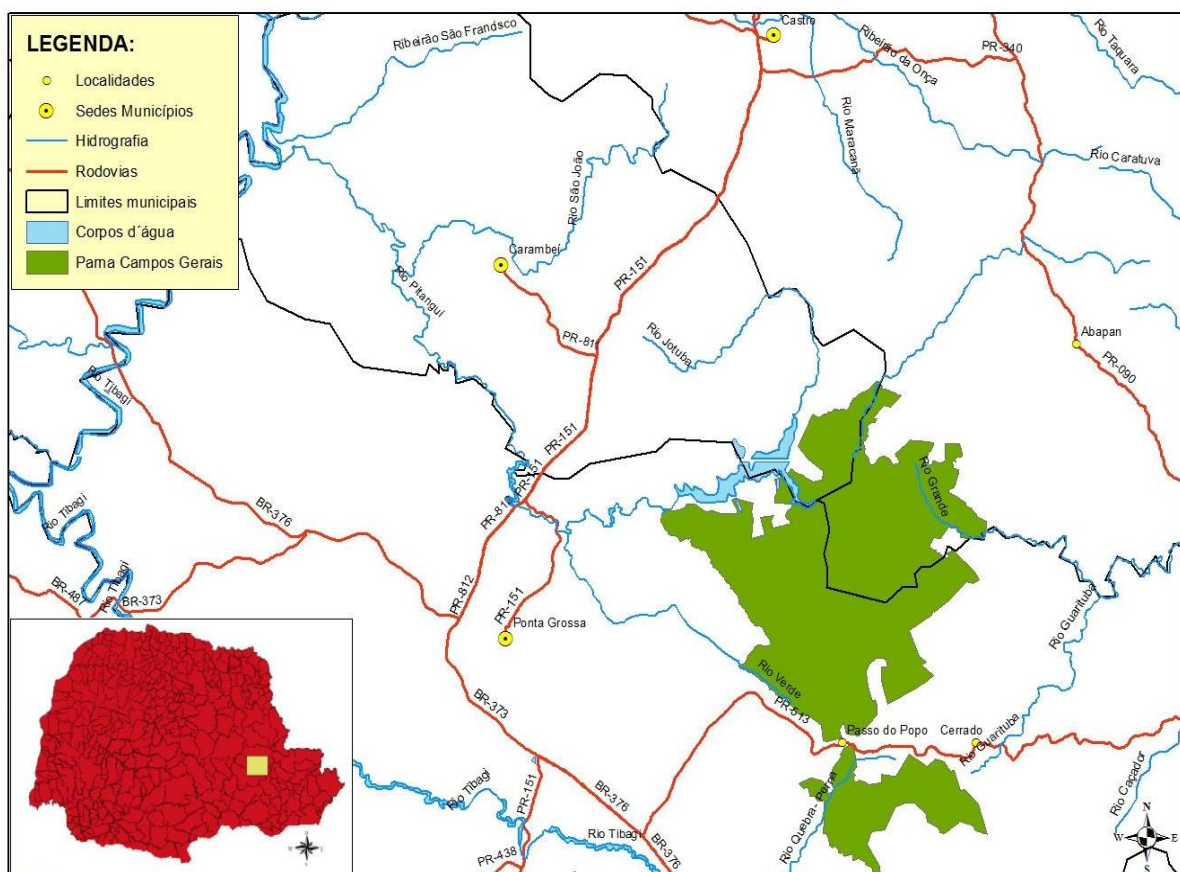
A área do Parque está localizada na região dos Campos Gerais que possui uma vegetação caracterizada como floresta ombrófila, recoberto de plantas herbáceas, encontra-se na região algumas espécies endêmicas, ou seja, plantas encontradas apenas em um determinado bioma, que são os cactos-bolinha e a rainha-do-abismo. Se tratando da fauna a região do Parque é diversificada e precisa da preservação para manter os animais sem danificar o habitat natural, podemos encontrar nessa região: antas, guarás, onça, veado, quati, cobras, papagaio, tucanos, gralhas, pica-pau, bem-te-vi, gralha-azul, capivara e entre outros. (ECOSSISTEMAS PARANAENSES, 2010)

Na área do Parque além de toda a fauna e flora que exigem uma proteção, também se encontra a nascente das principais bacias hidrográficas dos Campos Gerais a do Rio Tibagi e do Rio Riberia.

4.2.4 Delimitação da região do Parque Nacional dos Campos Gerais: localizando Ponta Grossa e os recursos turísticos.

Ponta Grossa está localizada no 2º planalto paranaense na região dos Campos Gerais. Destaca-se dos demais municípios, devido sua posição geográfica pela facilidade de acesso a todas as regiões do estado. Ponta Grossa é um dos principais entroncamentos rodo ferroviário do sul do país. O aeroporto mais próximo é o Afonso Pena em Curitiba, há cerca de 110 km de distância. (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012).

Em relação aos recursos turísticos do PNCG, há sete áreas de potencial turístico de uso público, visitação e recreação. Nesse aspecto a seguir será destacada a via de acesso, distância e pontos da via com pavimentação e sem pavimentação.



Mapa 1 – Delimitação do Parque Nacional dos Campos Gerais.

Fonte: ICMBIO, 2012, página 3.



Mapa 2 – Mapa Turístico destacando as sete áreas do PNCG

Fonte: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Mapa Turístico. 2012

O mapa elaborado pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa aponta os principais recursos turísticos do Parque Nacional dos Campos Gerais, com objetivo de divulgação das áreas naturais, servindo na localização para os turistas. Os sete recursos que compõem o Parque estão localizados na mesma região da cidade de

Ponta Grossa, além disso, o mapa possui uma legenda identificando quais serviços e equipamentos estão inseridos no local de visitação e entorno.

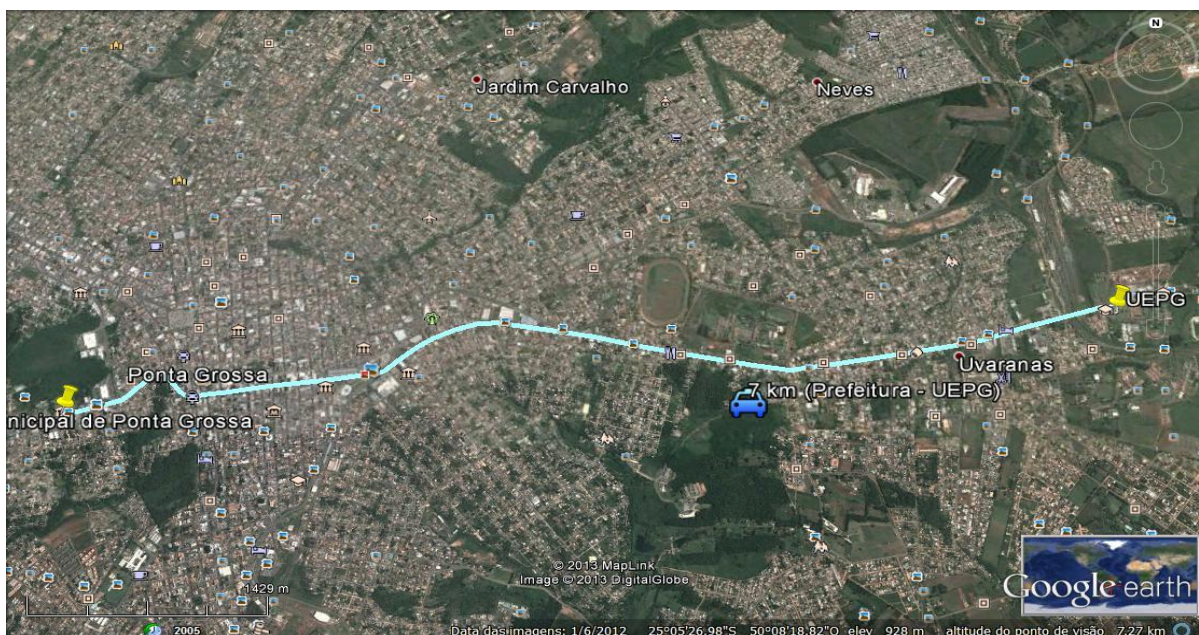
A seguir serão destacadas características das sete áreas de potencial turístico, englobando dentre os principais aspectos as belezas cênicas e os valores dos serviços oferecidos em cada local.

4.2.5 Recursos Turísticos

4.2.5.1 Cachoeira do Rio São Jorge

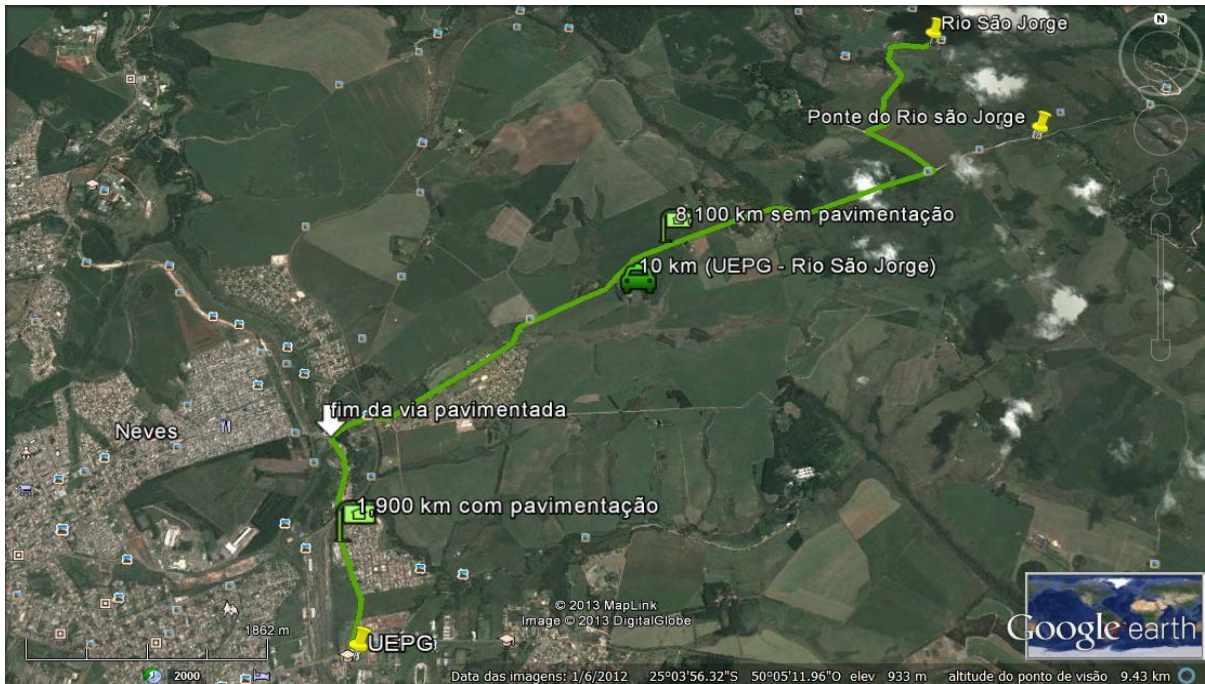
Identificação: Queda d'água, curso d'água, formação rochosa.

Localizado a aproximadamente 17 km do centro da cidade (mapa 3). Na frente da Universidade Estadual de Ponta Grossa deve-se virar a esquerda, o acesso ao local se dá pela rodovia Arichermes Gobbo (deve-se virar à esquerda, após passar o viaduto sobre o pátio da ALL, em direção ao núcleo habitacional Dal Col). Depois de percorrido 1,9 km deve virar a direita, após o matadouro municipal, passando por baixo do viaduto de linha férrea. Deve-se seguir mais 5,1 km e virar a esquerda, seguindo mais 1 km até a próxima bifurcação, deve-se então virar a direita e percorrer mais 2 km até o acesso ao Rio São Jorge (mapa 4). (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012).



Mapa 3 – localização/acesso da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa – Universidade Estadual.

Fonte: o autor



Mapa 4 – localização/acesso da UEPG para a Cachoeira do Rio São Jorge.

Fonte: o autor

Considerada uma unidade de conservação municipal, possui grande beleza, com diversas quedas d'água formando as cachoeiras. A cachoeira principal (foto 1) tem cerca de 30m de altura, o local possui também áreas de *camping* e paredões para prática de *rappel*, para tal prática deve-se procurar uma empresa especializada. (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012).



Foto 1 – Cachoeira do Rio São Jorge

Fonte: acervo de fotos do autor

Para entrar no recurso turístico é necessário pagar uma taxa de R\$ 6,00 por pessoa, estando aberto para visitação das 8h às 20h, sendo permitido acampar no lugar pagando uma taxa de R\$ 15,00. A trilha que leva à cachoeira principal é de aproximadamente 500 metros, oferecendo como obstáculo algumas rochas escorregadias, próximas a cachoeira principal.

Na cachoeira do Rio São Jorge, conforme algumas estimativas⁴, no verão passam pelo lugar mais de 1000 pessoas em um final de semana. Como o PNCG ainda não tem um estudo sobre a capacidade de carga, o número elevado de visitantes causa impacto ao meio natural, pois além de não haver infra-estrutura, não existe sinalização educativa ou interpretativa.

A maioria dos freqüentadores é de grupos ou famílias de Ponta Grossa, mas também é comum encontrar pessoas de todas as regiões e também muitos vindos de outros estados. O maior interesse dos visitantes que freqüentam o recurso turístico é a procura por lazer, pesquisas científicas e busca da prática de esportes.

Para conhecer esse patrimônio natural, andando por todos os locais, são necessárias 3 horas entre caminhadas e paradas para contemplação. Dentre os pontos turísticos desse trabalho, a Cachoeira do Rio São Jorge (foto 2) é o que apresenta uma das melhores infra-estrutura e organização.

⁴ Segundo pesquisa realizada no ano de 2012, pelo ICMBio e descrito no Projeto de pesquisa para elaboração de estudos prioritários de uso público para o parque nacional dos campos gerais - PR, como ferramenta para a gestão e subsídios para o planejamento.



Foto 2 – infra-estrutura da Cachoeira do Rio São Jorge
Fonte: acervo de fotos do autor

Valor do ingresso: R\$ 6,00

Valor do *camping*: R\$ 15,00

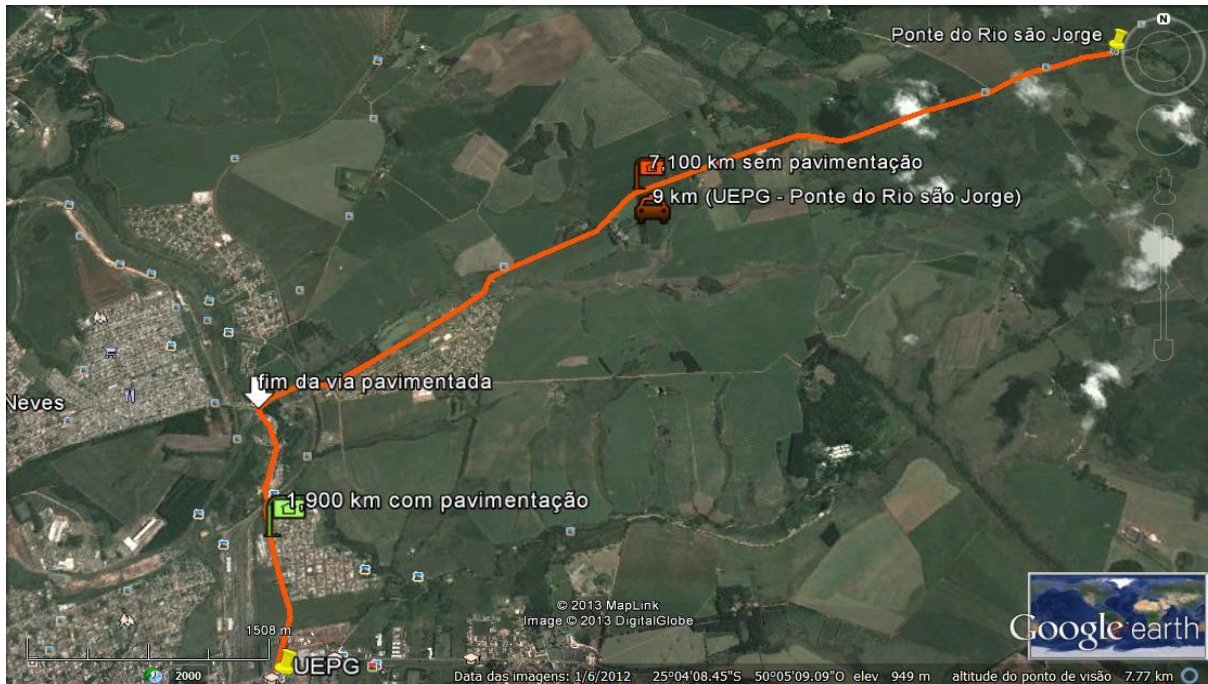
Atividades realizadas: visitação, banho, alimentação, escalada e *camping*. (ICMbio, 2012, p.8)

Infra-estrutura: um sanitário feminino e um sanitário masculino, chuveiro quente, tomadas 110 V e 220 V. Centro de atendimento com restaurante e bar.

4.2.5.2 Ponte do Rio São Jorge

Identificação: curso de água, Ponte sobre o rio.

Localizado a aproximadamente 16 km do centro da cidade. Na frente da Universidade Estadual de Ponta Grossa deve-se virar a esquerda, o acesso ao local se dá pela rodovia Arichermes Gobbo (deve-se virar à esquerda, após passar o viaduto sobre o pátio da ALL, em direção ao núcleo habitacional Dal Col). Depois de percorrido 1,9 km deve virar a direita, após o matadouro municipal, passando por baixo do viaduto de linha férrea. Deve-se seguir mais 7,1 km na via não pavimentada até o acesso a Ponte do Rio São Jorge (mapa 5). (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012).



Mapa 5 – localização/acesso da UEPG para a Ponte do Rio São Jorge

Fonte: o autor

O recurso turístico é bem menos conhecido e freqüentado que a Cachoeira do Rio São Jorge, fundamentalmente por não existir nenhuma sinalização e infraestrutura limitando o número de visitante. Nesse recurso turístico não é cobrada nenhuma taxa de visitação, inexistindo também qualquer infra-estrutura (foto 3).



Foto 3 – falta de infraestrutura na Ponte do Rio São Jorge

Fonte: acervo de fotos do autor

A Ponte do Rio São Jorge, conforme algumas estimativas⁵, no verão passam pelo lugar mais de 300 pessoas em um final de semana. O maior impacto vem do cultivo agrícola próximo ao rio e também a proximidade com os meios de transporte que passam pela Ponte (foto 4). A maioria dos freqüentadores são grupos da cidade de Ponta Grossa e região.



Foto 4 – Ponte do Rio São Jorge
Fonte: acervo de fotos do autor

Poderiam existir convênios com órgãos públicos e iniciativas privadas, visando o melhoramento do local.

Valor do ingresso: inexistente

Valor do *camping*: inexistente.

Atividades realizadas: visitação, banho e *camping*. (ICMbio, 2012, p.9)

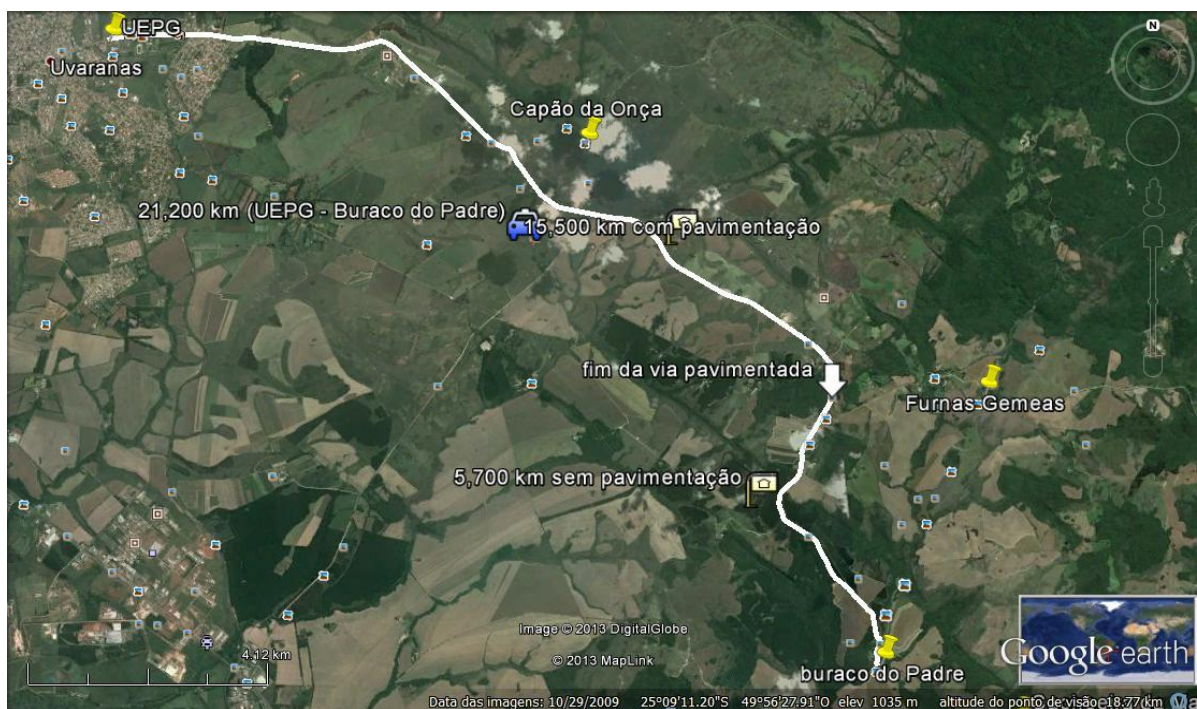
Infra-estrutura: não tem infra-estrutura no local

⁵ Conforme Projeto de Pesquisa para elaboração de estudos prioritários de uso público para o Parque Nacional dos Campos Gerais – PR, como ferramentas para a gestão e subsídios para o planejamento.

4.2.5.3 Buraco do Padre

Identificação: Queda d'água, curso d'água, formação rochosa.

Área do Buraco do Padre e de Escalada (próximo ao Buraco do Padre): localizado a aproximadamente 28,2 km do centro da cidade. O acesso ao local se dá pela rodovia do Talco – PR 513, do Campus da Universidade Estadual de Ponta Grossa deve-se percorrer 15,5 km de via pavimentada, logo depois deve virar a direita em uma via não pavimentada. Deve-se percorrer mais 5,7 km até onde está o acesso ao Buraco do Padre (Mapa 6). (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012).



Mapa 6 – localização/acesso da UEPG para o Buraco do Padre e de Escalada

Fonte: o autor

O nome do local está ligado à história dos Padres Jesuítas que lá meditavam. O Buraco do Padre é uma fuma que apresenta em seu interior uma cascata com aproximadamente 30 metros, formada pelo Rio Quebra Perna (foto 5). Trata-se de uma espécie de anfiteatro subterrâneo. (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012).



Foto 5 – Cascata do Buraco do Padre
Fonte: acervo de fotos do autor

A entrada no Buraco do Padre é gratuita, ficando aberto para visitação das 8h às 18h30min. No site da Prefeitura o Buraco do Padre encontra-se fechado para revitaliza o, mas devido   falta de fiscaliza o, o aviso não está sendo respeitado.

A trilha que leva até o atrativo principal tem aproximadamente 800 metros, na trilha não existe qualquer sinaliza o. Além do atrativo principal, o local tem trilhas alternativas que levam até pared es, utilizados mesmo que proibidos para prática de esportes radicais.

No Buraco do Padre, pesquisas realizadas pelo ICMBio⁶, dão conta que no verão passam pelo lugar mais de 500 pessoas em um final de semana. Como o local não possui um estudo sobre a capacidade de carga, a grande quantidade de pessoas, acarreta em impacto negativo ao meio natural.

Um impacto negativo presente em grande parte dos recursos é com relação aos freqüentadores do local, as pessoas utilizam aparelhos de som em alto volume, prejudicando a fauna, fazem fogueiras em lugares impróprios, além de deixar o lixo espalhado, causando degradação ao meio ambiente. É válido destacar que na maioria dos recursos a falta de infra-estrutura fica mais evidente em dias de maior público.

O potencial do Buraco do Padre (foto 6) fica evidente, sendo um diferencial na região do Parque Nacional dos Campos Gerais, porém a maneira que está sendo exposto, o recurso natural encontra-se ameaçado. O local vem sofrendo com ações de seus freqüentadores que não respeitam o aviso da prefeitura que o recurso turístico está sendo reestruturado.



Foto 6 – Área do Buraco do Padre

Fonte: acervo de fotos Jasmine Cardozo Moreira

⁶ Projeto de pesquisa para elaboração de estudos prioritários de uso público para o parque nacional dos campos gerais - PR, como ferramenta para a gestão e subsídios para o planejamento.

Valor do ingresso: inexistente

Valor do *camping*: inexistente

Atividades realizadas: visitação, banho, escalada, *rappel* e *camping*. (ICMbio, 2012, p.9)

Infra-estrutura: estacionamento para aproximadamente 30 automóveis, quatro sanitários, bebedouros e um quiosque para uso público.

4.2.5.4 Setor Macarrão – Área de Escalada

A área de escalada do Buraco do Padre (foto 7), assim como outras vias de escalada da região, se encontra no Parque Nacional dos Campos Gerais.



Foto 7 – Setor Macarrão – área de escalada

Fonte: acervo de fotos Jasmine Cardozo Moreira

A escalada é permitida na área do Parque, desde que cumpram os requisitos propostos pela administração e do zoneamento do uso público da unidade. A escalada, assim como outras atividades devem funcionar dentro da lei, sendo

realizadas de acordo com a sustentabilidade e ocasionando o mínimo impacto possível.

Percebe-se que quando trabalhada dentro das leis, a escalada tem potencial para ser uma das atividades realizadas dentro do Parque, o que se enquadraria em um produto e agregaria valor à unidade de conservação.

Valor do ingresso: inexistente.

Valor do *camping*: inexistente

Atividades realizadas: escalada e *camping*. (ICMbio, 2012, p.11)

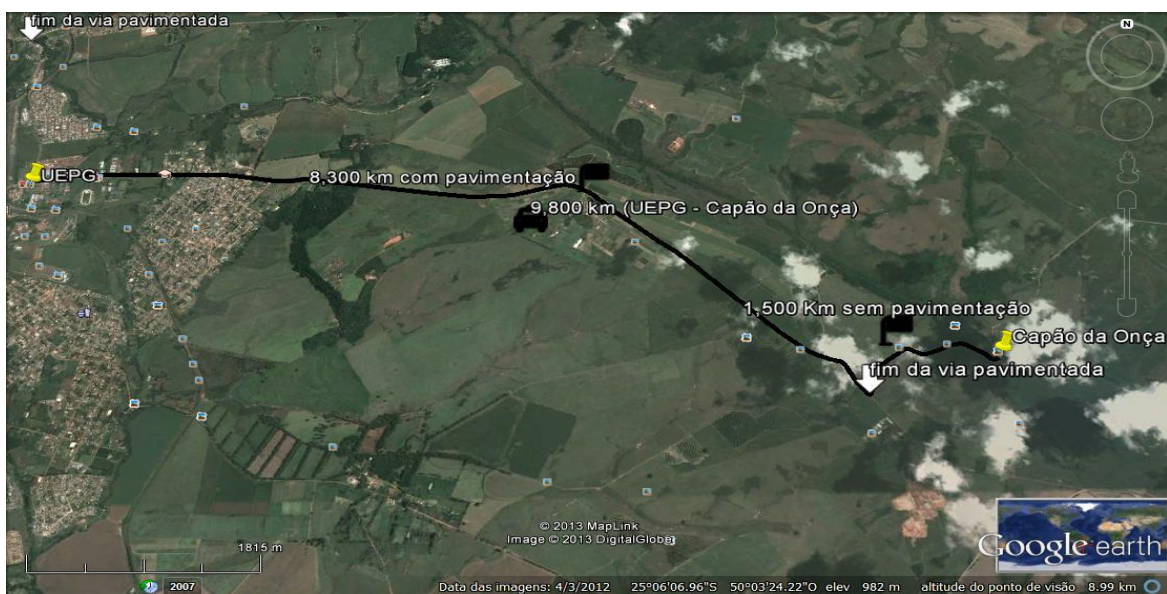
Estimativa de usuários por fim de semana: 50 pessoas (ICMbio, 2012, p.11)

Infra-estrutura: inexistente

4.2.5.5 Capão da Onça

Identificação: Queda d'água e curso d'água

Localizado a aproximadamente 16,8 km do centro da cidade. O acesso ao local se dá pela rodovia do Talco – PR 513, do campus da Universidade Estadual de Ponta Grossa deve-se percorrer 8,3 km, via pavimentada, logo depois deve virar a esquerda para a via não pavimentada e percorrer mais 1,5 km até o acesso ao Capão da Onça (mapa 7). (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012)



Mapa 7 – localização/acesso da UEPG para o Capão da Onça

Fonte: o autor

Também considerado uma unidade de conservação municipal, é um local para lazer e contato com a natureza. O Capão da Onça é um balneário natural com cachoeiras, corredeiras e piscinas naturais. (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012)

Para entrar no recurso turístico é cobrada uma taxa de R\$ 3,00 por pessoa, não sendo permitido acampar. O local oferece estacionamento para aproximadamente 30 automóveis, algumas churrasqueiras e mesas estão instaladas, porém de forma e em local inadequado (foto 8).



Foto 8 – Infra-estrutura do Capão da Onça
Fonte: acervo de fotos do autor

A queda d'água (foto 9) é próxima a áreas onde passam automóveis e onde fica as churrasqueiras, o que acarreta em maior impacto do solo e do meio natural. Apesar de toda beleza oferecida, alguns visitantes não retribuem isso à natureza, jogando lixos e bebidas próximos a água, demonstrando a necessidade de trabalhar com a educação ambiental (foto 10).



Foto 9 – Queda d'água Capão da Onça
Fonte: acervo de fotos do autor



Foto 10 – Carro com som alto na área das unidades de conservação.
Fonte: acervo de fotos do autor

No verão o Capão da Onça chega a receber mais de 300 pessoas⁷ em um final de semana e como não existe infra-estrutura adequada, nem o respeito do visitante com a natureza, verifica-se grande impacto negativo ao meio ambiente. A

⁷ Projeto de pesquisa para elaboração de estudos prioritários de uso público para o parque nacional dos campos gerais - PR, como ferramenta para a gestão e subsídios para o planejamento.

maioria dos visitantes são Pontagrossenses, seguido de pessoas da região e da capital. O interesse principal é a busca por lazer, praticar esporte e pesquisas.

Para se conhecer o recurso turístico, percorrendo todos os locais, é necessário ao menos 3 horas. O Capão da Onça carece de infra-estrutura para atender seus freqüentadores, bem como um estudo da capacidade de carga.

Valor do ingresso: R\$ 3,00

Valor do *camping*: inexistente

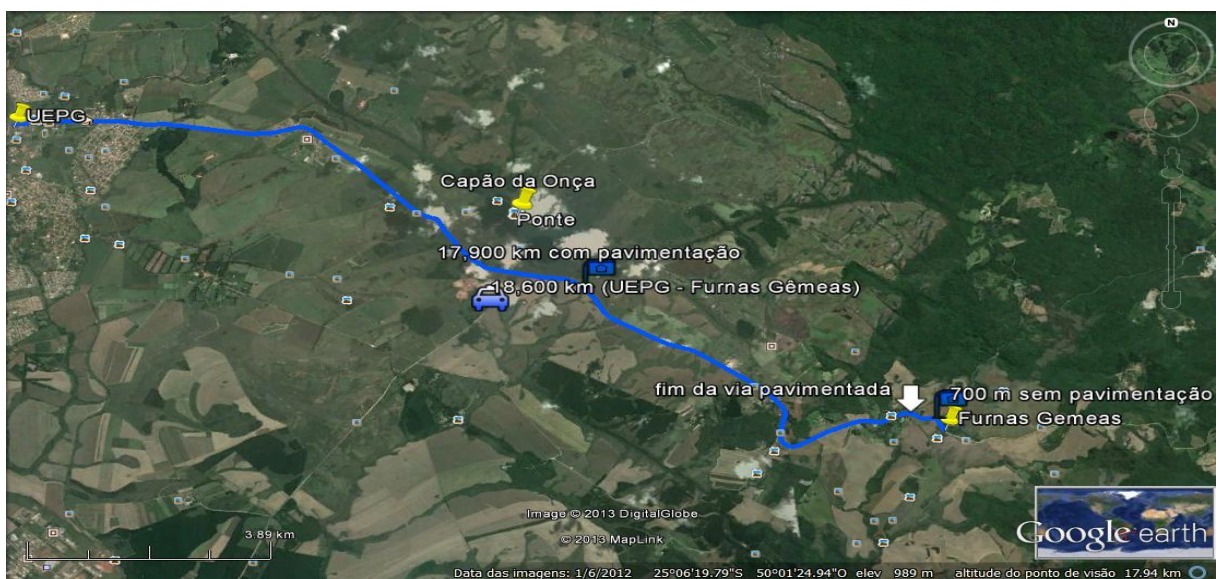
Atividades realizadas: visitação, banho, alimenta o. (ICMbio, 2012, p.10)

Infra-estrutura: estacionamento para aproximadamente 30 automóveis, dois sanitários, churrasqueiras e um quiosque para uso público.

4.2.5.6 Furnas Gêmeas e Furna Grande

Identifica o: Forma o Rochosa e Mirante.

Localizada a aproximadamente 25,6 km do centro da cidade. O acesso ao local se da pela rodovia do Talco – PR 513, do Campus da Universidade Estadual de Ponta Grossa deve-se percorrer 17,9 km de via pavimentada, passando pelo vilarejo Passo do Pupo, logo depois deve virar a direita para a via não pavimentada. Deve-se percorrer mais 700 metros até onde está o acesso as Furnas Gêmeas (mapa 8), através de uma trilha, temos acesso a forma o rochosa. (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012)



Mapa 8 – localiza o/acesso da UEPG para as Furnas Gêmeas

Fonte: o autor

As Furnas Gêmeas (foto 11) são formações rochosas de grande atratividade turística. O local é visitado por pesquisadores e praticantes de atividades em áreas naturais, como trilhas ao redor e no interior das furnas. Não existe infra-estrutura turística no local. (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012)



Foto 11 – Furnas Gêmeas
Fonte: acervo de fotos do autor

Para chegar às Furnas é necessário caminhar por uma trilha de aproximadamente 200 metros. O recurso não tem um controle da entrada dos visitantes, bem como qualquer tipo de infra-estrutura, serviços e equipamentos turísticos.

Entre os recursos turísticos que estão inseridos no Parque Nacional dos Campos Gerais este é um dos menos conhecidos por não existir nenhuma sinalização no acesso. De acordo com pesquisas do ICMBio⁸ no verão as Furnas Gêmeas recebem 30 visitantes por final de semana. Como consequência o impacto ao meio ambiente é pouco visível, ficando a preocupação com o cultivo agrícola próximo, originando processo erosivo nas furnas.

Nas Furnas Gêmeas, a maioria dos visitantes são grupos de pesquisadores e pessoas interessadas na prática do *rappel*. Essas pessoas por possuírem uma educação ambiental não poluem o ambiente, já visitantes ocasionais costumam deixar o lixo no chão. No interior (foto 12) de uma das furnas a trilha está bastante

⁸ Projeto de pesquisa para elaboração de estudos prioritários de uso público para o parque nacional dos campos gerais - PR, como ferramenta para a gestão e subsídios para o planejamento.

desgastada, pela falta de infra-estrutura, ação da chuva e também pelos freqüentadores.



Foto 12 – Interior das Furnas Gêmeas.

Fonte: acervo de fotos do autor.

O recurso turístico é propício para atividades como escalada e pesquisas científicas, possuindo potenciais para várias atividades realizadas em atrativos naturais. No entanto essas atividades requerem estrutura adequada, tanto de equipamentos, como de divulgação e pessoal especializado.

Valor do ingresso: inexistente

Valor do *camping*: inexistente

Atividades realizadas: visitação

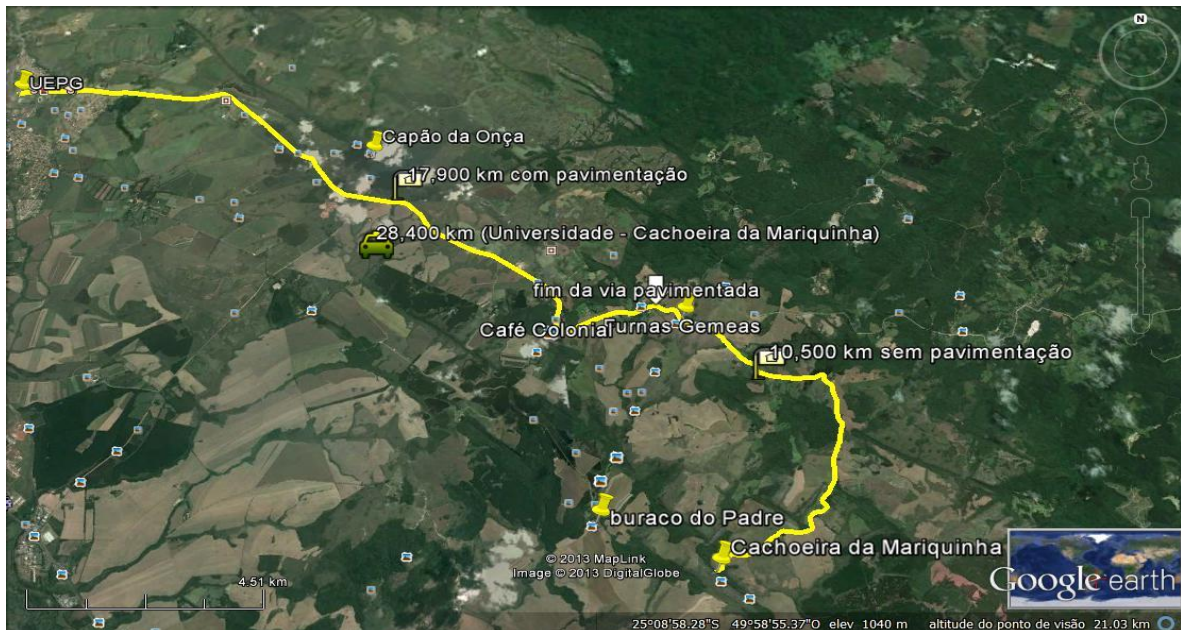
Infra-estrutura: inexistente

4.2.5.7 Cachoeira da Mariquinha

Identificação: Queda d'água e curso d'água

Localizada a aproximadamente 35,4 km do centro da cidade. O acesso ao local se dá pela rodovia do Talco – PR 513, do Campus da Universidade Estadual de Ponta deve-se percorrer 17,9 km de via pavimentada, passando pelo vilarejo Passo do Pupo, logo depois deve virar a direita para a via não pavimentada. Após

percorrer 1,4 km na bifurcação deve-se virar à direita e seguir até chegar ao destino (mapa 9). (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012).



Mapa 9 – localização/acesso da UEPG para a Cachoeira da Mariquinha

Fonte: o autor

No percurso de acesso, a trilha é ladeada por formações de arenito e capões de mata nativa. Aos pés da cascata de 30 metros, forma-se um balneário, um espaço para aqueles que buscam contato com a natureza. (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012).

Para entrar no recurso turístico é necessário pagar uma taxa de visitação de R\$ 4,00 por pessoa, sendo permitido acampar no lugar pagando uma taxa de R\$ 10,00 ocasionado maior impacto pela falta de estrutura adequada.

O local oferece estacionamento para aproximadamente 20 automóveis, possuindo sanitários precários (foto 13) para visitantes. As instalações como churrasqueiras, banheiros e outros já foram depredadas. No local o lixo é um dos principais problemas, visto que, as lixeiras existentes se não estão depredadas, são de difícil acesso (foto 14) e manuseio.



Foto 13 – estado de conservação dos banheiros na área da Cachoeira da Mariquinha.
Fonte: acervo de fotos do autor



Foto 14 – Distância da lixeira para a trilha.
Fonte: acervo de fotos do autor

A trilha principal que leva até a queda d'água é de aproximadamente 851 metros, sendo que parte dela está com grande impacto negativo, justamente pela elevada quantidade de visitantes. Em pesquisas realizadas recentemente, o ICMBio⁹ aponta que nos finais de semana o local recebe mais de 500 pessoas.

A Cachoeira da Mariquinha (foto 15) é propícia a contemplação da natureza, além disso, tem potencial para atividades como, por exemplo: cachoeirismo, além de servir de base para pesquisas científicas. O potencial turístico parece evidente, porém é necessário cuidado (foto 16) ao promover o recurso, pois devido ao contato direto com o meio natural, sua visitação deve ser restrita em alguns locais.



Foto 15 – Cachoeira da Mariquinha

Fonte: acervo de fotos do autor

⁹ Projeto de pesquisa para elaboração de estudos prioritários de uso público para o parque nacional dos campos gerais - PR, como ferramenta para a gestão e subsídios para o planejamento.



Foto 16 – desrespeito do visitante com o meio ambiente.

Fonte: acervo de fotos do autor.

Valor do ingresso: R\$ 4,00

Valor do *camping*: R\$ 10,00

Atividades realizadas: visitação, banho na cachoeira, *camping*. (ICMbio, 2012, p.8)

Infra-estrutura: alguns latões de lixo, banheiro, estacionamento e a casa do proprietário que serve de moradia e venda de produtos.

Os recursos naturais descritos possuem potencial turístico indiscutível e apresentam impactos negativos, mas com a implanta o do Parque e a administra o do ICMBio, os problemas deverão ser resolvidos, basta vontade política, interesse da região e comprometimento da comunidade em rela o a educa o ambiental.

5 RESULTADOS

5.1 PLANEJAMENTO DO DESTINO: PERFIL DA DEMANDA NOS RECURSOS TURÍSTICOS E ANÁLISE DA INFRA-ESTRUTURA

De acordo com Vignati (2008, p.95) “o planejamento é um dos principais instrumentos que o Estado tem para estimular o desenvolvimento da atividade turística. O objetivo do planejamento de destinos turísticos é transformar recursos em produtos turísticos e produtos em ofertas competitivas”. Pesquisas realizadas com visitante são ferramentas para o melhoramento do atrativo, viabilizando benfeitorias para que este possa se apresentar ao mercado onde será consumido, sendo que para um atrativo se tornar competitivo no mercado é necessário um planejamento que envolva sociedade, instituições privadas e públicas.

Os destinos turísticos cada vez mais estudam os visitantes, assim é fundamental em qualquer planejamento uma pesquisa de demanda. Essa pesquisa tem como objetivo auxiliar na elaboração de estratégias, conhecer o público alvo, características, opiniões sobre o destino e os gastos.

A partir da pesquisa de demanda é possível identificar a demanda potencial, ou seja, a demanda que não consome o produto, mas possui o perfil correspondente e a demanda real, que são turistas que já consomem o produto turístico.

Algumas informações que podemos levantar sobre a demanda são segundo Vignati (2008, p.203):

- Perfil socioeconômico, sexo, idade, profissão, país de procedência.
- Características da viagem, como motivações, tipo e categoria de alojamento, nível de satisfação.
- Satisfação, imagem percebida.

As informações da demanda procuram ajustar à oferta as necessidades percebidas e auxiliam no planejamento de comunicação com o público que desejam atingir.

No estudo do mercado existem três questões centrais: o que produzir, como produzir e para quem produzir. A decisão do que produzir tem que levar em consideração a quantidade de bens e serviços respeitando sempre a restrição da

natureza. A segunda questão – como produzir – significa como produzir com o menor custo. A terceira questão consiste em resolver quem vai consumir os bens e serviços produzidos. (BENI, 2008, p.163 e 164).

Quando for realizada a coleta de dados de quem vai consumir é importante lembrar que, geralmente a pesquisa de demanda é motivada por algum problema encontrado no destino. No processo de coleta de dados, o gestor deve definir segundo Vignati (2008, p.181) o tipo da pesquisa, os pontos de coleta de dados, período da pesquisa, instrumento para coleta de dados e o resultado.

Existe varias maneiras de realizarmos uma pesquisa de demanda, mas primeiramente é necessária a definição do problema e os objetivos para que o destino se torne competitivo no mercado. Uma das formas mais utilizadas para levantamento de dados sobre a demanda é o questionário.

Basicamente o questionário é formado por perguntas escritas ou orais, e o formato das questões é fechado, ou seja, são de caráter objetivo o entrevistado escolhe uma das alternativas apresentadas e as abertas que deixam o entrevistado livre para expressar-se.

A partir do embasamento teórico, foram realizadas pesquisas de campo nos recursos turísticos do Parque Nacional dos Campos Gerais, com objetivo de identificar o perfil da demanda e analisar a infra-estrutura do Parque. As pesquisas foram realizadas nos recursos:

- Cachoeira da Mariquinha
- Cachoeira do São Jorge
- Ponte do Rio São Jorge
- Capão da Onça.

O Buraco do Padre e setor Macarrão estavam fechados para revitalização turística e nas Furnas não havia público para ser entrevistado. Em cada local foram entrevistadas vinte pessoas no mês de fevereiro de 2013, sendo 10 sobre o perfil do visitante e 10 sobre a infra-estrutura dos recursos naturais, totalizando 80 entrevistados. Os questionários foram elaborados e aplicados com a ajuda da acadêmica Ariadene Caillot que faz parte do projeto de pesquisa do departamento de Turismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

5.1.1 Análise quantitativa do perfil da demanda turística no Parque Nacional dos Campos Gerais.

De acordo com as informações obtidas no Parque Nacional dos Campos Gerais, 76% dos visitantes são da própria região (gráfico 1) demonstrando que a população local tem interesse no Parque.

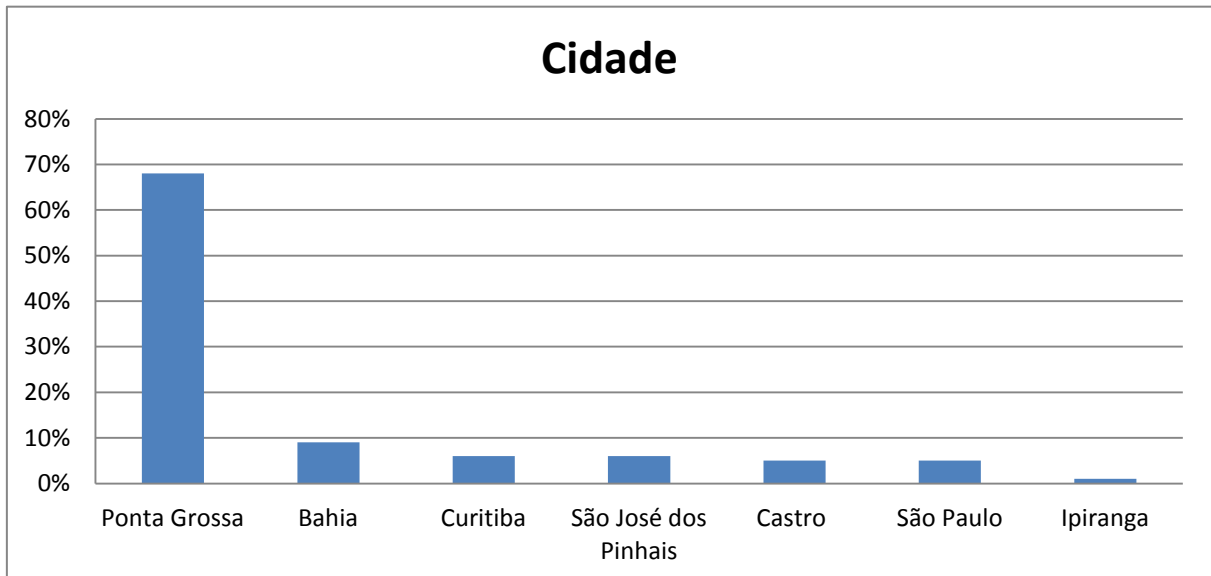


Gráfico 1 – Cidade dos visitantes do Parque Nacional dos Campos Gerais.
Fonte: O autor.

A igualdade entre homens e mulheres que visitam o Parque (gráfico 2), indica que grande parte dos entrevistados eram casais de namorados ou casados, com faixa etária variando entre 15 e 45 anos, sendo que a faixa etária com maior representatividade foi de 19 a 24 anos com 38% (gráfico 3).

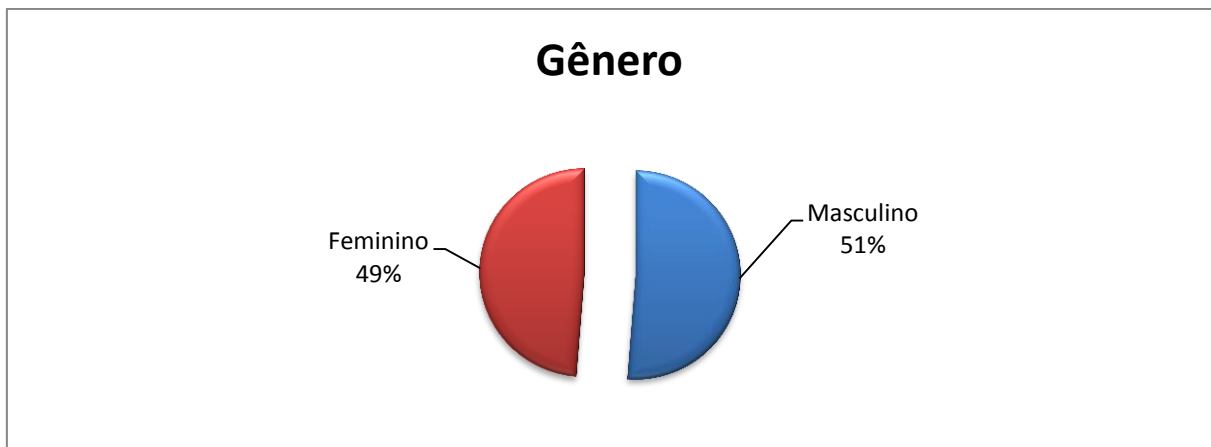


Gráfico 2 – Porcentagem dos participantes da pesquisa quanto ao gênero.
Fonte: o autor.

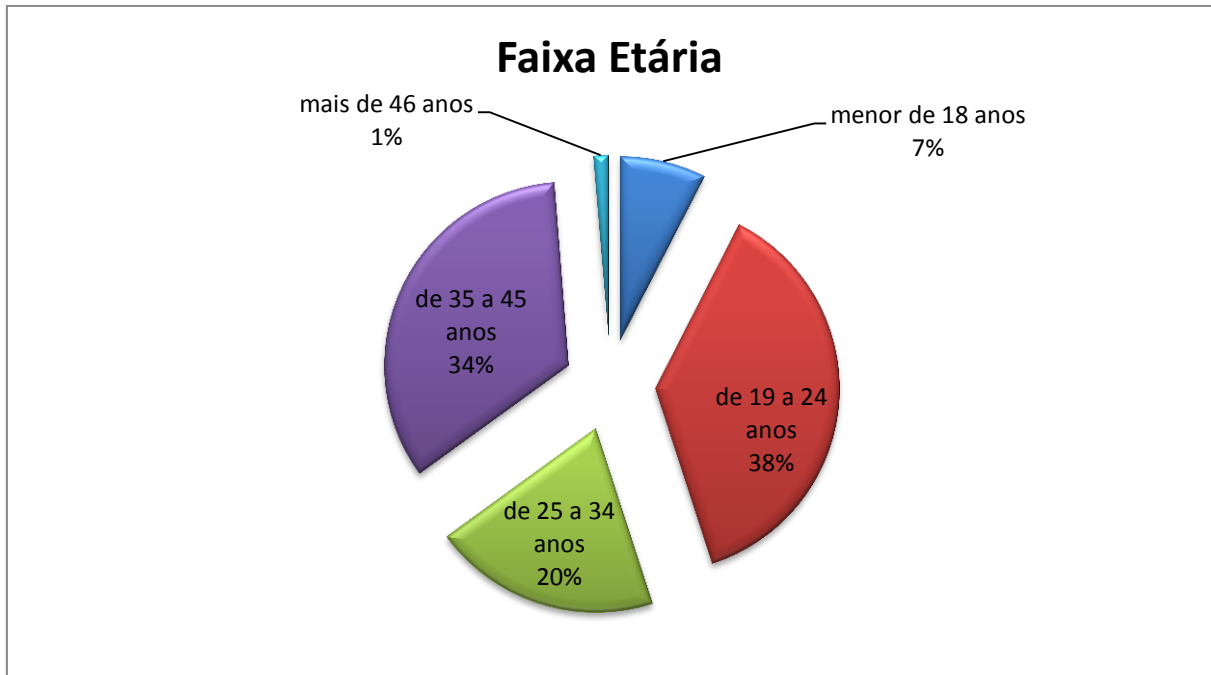


Gráfico 3 – Faixa etária dos participantes da pesquisa.
Fonte: o autor

Sobre o nível de escolaridade dos visitantes do Parque Nacional dos Campos Gerais (gráfico 4) tem maior representatividade os com ensino médio completo 42%, dado que pode ser relacionado com a faixa etária, que em sua maioria foi de jovens.

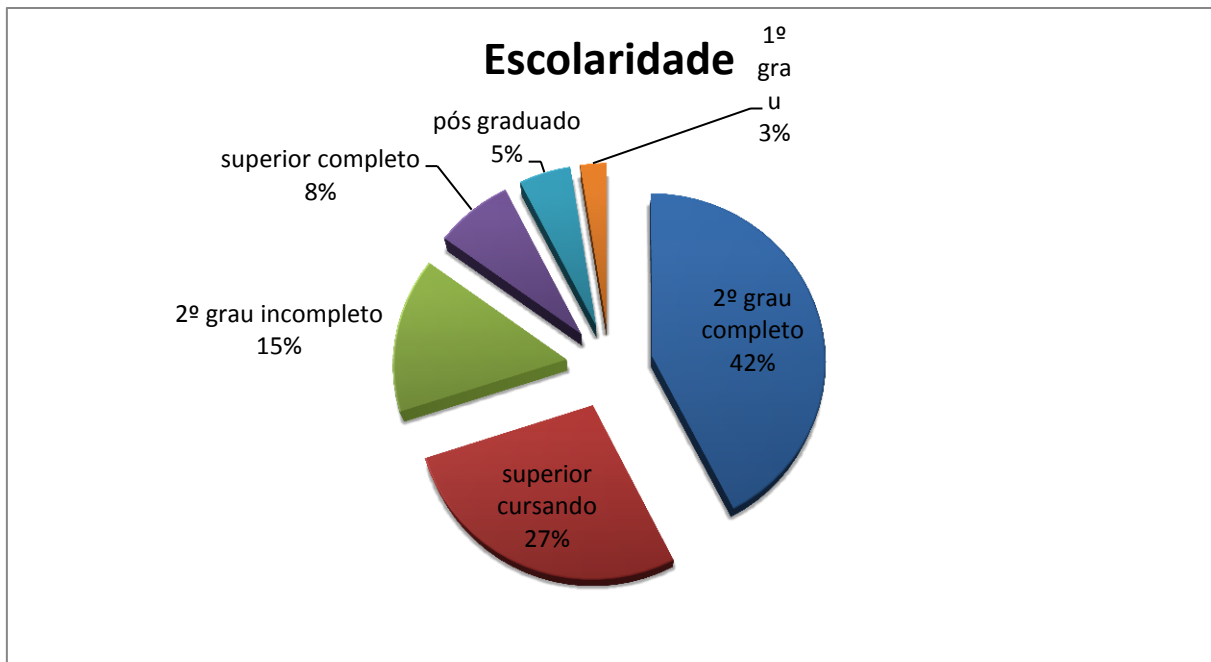


Gráfico 4 – nível de escolaridade dos visitantes do Parque Nacional dos Campos Gerais.
Fonte: o autor

Em relação ao motivo da visita (gráfico 5), pôde-se analisar que o Parque é procurado por casais, famílias e grupos de amigos em busca de lazer e diversão, correspondendo a 44% dos entrevistados, seguidos dos motivos: apreciar a paisagem e conhecer a natureza com 20% cada. Quando perguntados qual atividade procuram (gráfico 6), percebemos que esse dado tem relação com a idade do visitante e como se tratava de uma questão aberta notou-se uma vasta lista de atividades, sendo elas percorrer uma trilha, realizar atividades como rapel, bóia-cross e tirolesa, as atividades mais citadas, correspondendo respectivamente a 17%, 14%, 10% e 10% do total das respostas.



Gráfico 5 – Principais motivos da visita ao Parque Nacional dos Campos Gerais.

Fonte: o autor.

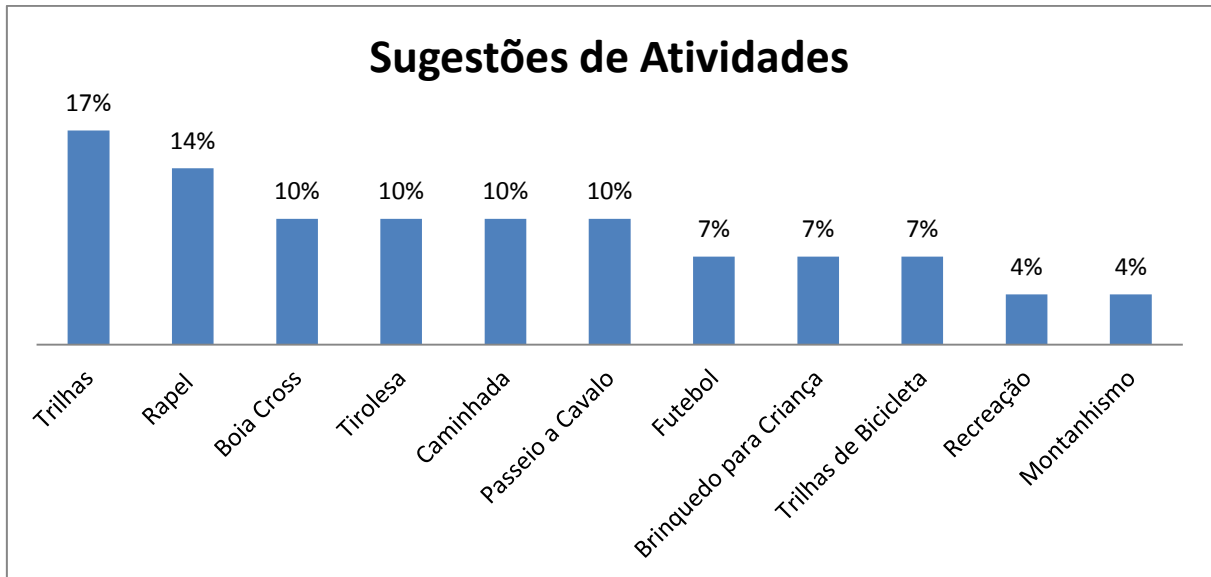


Gráfico 6 – Atividades que os visitantes gostariam de encontrar no Parque Nacional dos Campos Gerais.

Fonte: o autor.

Quando analisado o tempo de permanência (gráfico 7), 30% informaram que permanecem uma hora no parque, mas com a análise destes questionários constatou-se que 12% desses visitantes que permaneceram uma hora, foram entrevistados na localidade da Ponte do Rio São Jorge, local que teve a pior aprovação do público. Uma melhor divulgação e um melhoramento na infra-estrutura dos recursos turísticos, bem como o desenvolvimento de roteiros aumentariam a permanência do turista no Parque e na região.

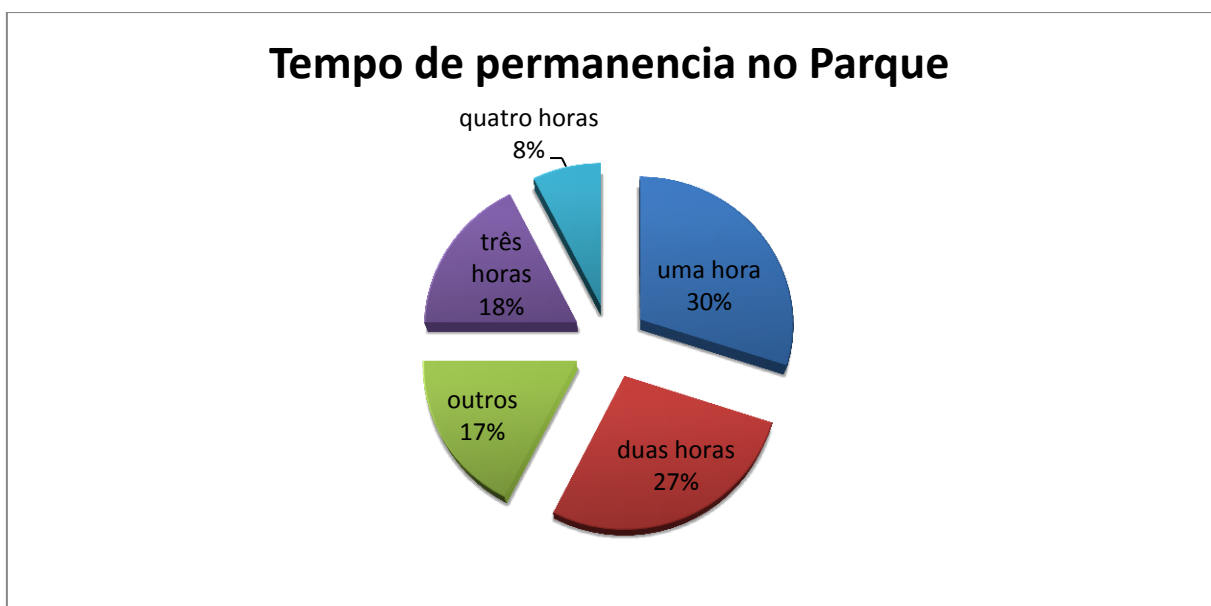


Gráfico 7 – Duração de permanência dos visitantes no Parque Nacional dos Campos Gerais.

Fonte: o autor.

Uma das questões mais relevantes para a melhoria do Parque foram os aspectos que o turista considera mais importante (gráfico 8), sendo eles: conservação da natureza (28%), atividades que poderão ser realizadas (16%), limpeza (12%), infra-estrutura (12%) e segurança (10%) com maior representatividade.



Gráfico 8 – Aspectos que o turista considera mais importante no Parque.

Fonte: o autor

Cabe ressaltar que a importância com a preservação não é apenas uma questão abordada nas instituições de ensino, pois hoje em dia as pessoas buscam uma aproximação com a natureza, buscando tratá-la com respeito, prezando por sua conservação.

O aspecto de importância: atividades que poderão ser realizadas mostram que o Parque possui um potencial turístico que ainda não está sendo aproveitado de forma efetiva. Os visitantes do Parque também destacaram a limpeza como um dos aspectos mais importantes dentro do parque, uma das formas de solucionar esse problema, seria a implantação de lixeiras e placas sinalizando o local correto para descarte.

Com relação à infra-estrutura colocou-se como exemplo a Ponte do Rio São Jorge aonde visitantes chegam, mas não encontram um local adequado para lazer e descanso ocasionando assim a curta duração da visita nesses recursos turísticos. A questão segurança também foi lembrada, sendo esta essencial para o funcionamento do Parque Nacional dos Campos Gerais. A segurança é um dos

serviços públicos que tem destaque sobre a oferta turística no ato do consumo turístico.

Em relação aos gastos na região (gráfico 9) percebe-se que como 76% dos visitantes são de Ponta Grossa e região os gastos são baixos, pois o visitante não apresenta gastos com hospedagem nem alimentação, sendo este apenas com ingresso da localidade visitada, resultando na resposta com maior representatividade menos de R\$ 20,00 com 45%, seguida de R\$ 21,00 a R\$ 50,00 com 35%.

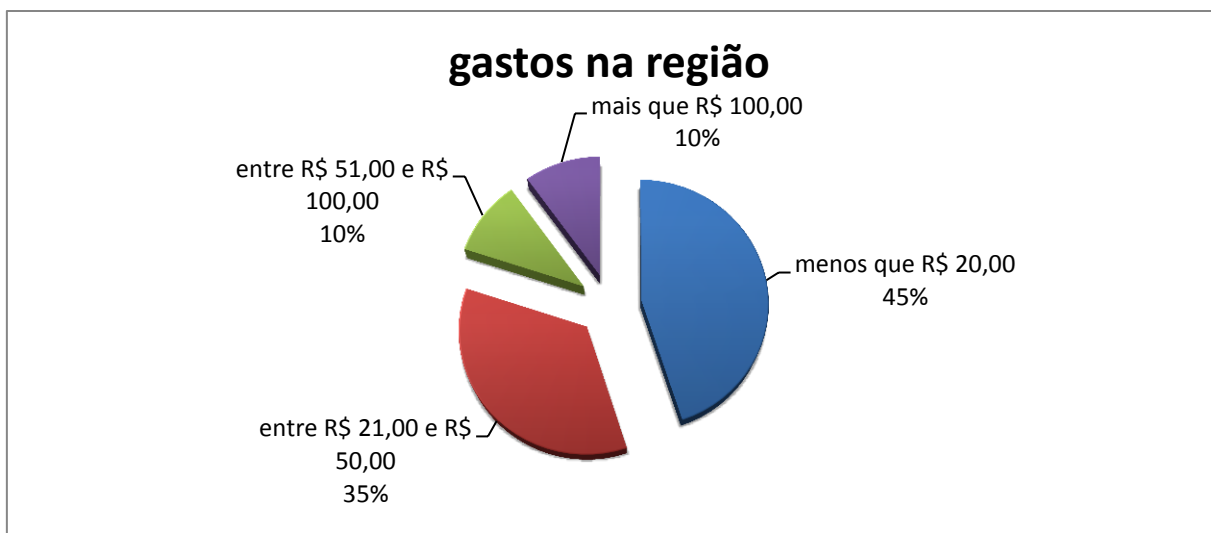


Gráfico 9 – gastos dos visitantes na região do Parque Nacional dos Campos Gerais.

Fonte: o autor.

Ao término da entrevista foi perguntado ao visitante se ele estaria disposto a pagar uma taxa de visitação (gráfico 10), para garantir melhorias na infra-estrutura do Parque e do seu entorno, revelando um resultado positivo, uma vez que 95% dos entrevistados estariam dispostos a pagar, confirmando que o Parque Nacional dos Campos Gerais apresenta-se como um recurso em potencial e que a população está disposta a colaborar com o melhoramento do Parque.



Gráfico 10 – possibilidade dos visitantes pagarem uma taxa para usufruir de um Parque mais estruturado.

Fonte: o autor.

Ao realizar uma análise sob uma ótica pessoal, acredita-se que o perfil do visitante seja inconstante possivelmente suscetível a mudanças no decorrer do tempo, por isso se mostra importante a realização de um monitoramento da opinião do visitante.

5.1.2 Análise qualitativa da infra-estrutura turística do Parque Nacional dos Campos Gerais.

Quanto à infra-estrutura existente no Parque Nacional dos Campos Gerais, 43% (Gráfico 11) afirmam estar satisfeitos. No entanto não se pode analisar como um fator positivo, pois podemos ver que o resultado dos entrevistados que classificaram como regular e péssima, evidenciam assim, problemas que merecem a atenção. É o caso da Ponte do São Jorge, que comparado com outros recursos do Parque, 90% dos participantes afirmam que a infra-estrutura é péssima, por inexistência de lixeiras, banheiros e estacionamento adequado. Os outros três pontos de pesquisa demonstram que os recursos turísticos têm infra-estrutura existente oscilando entre regular e boa (gráficos 12).

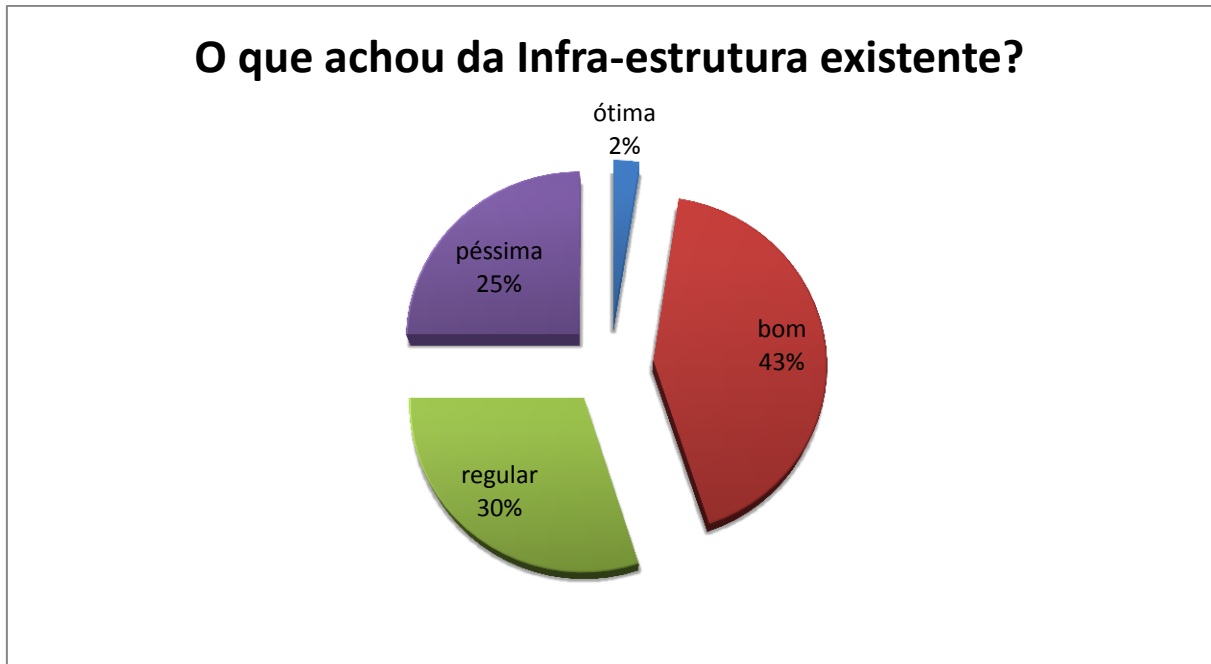


Gráfico 11 – opinião do visitante sobre a infra-estrutura existente.

Fonte: o autor

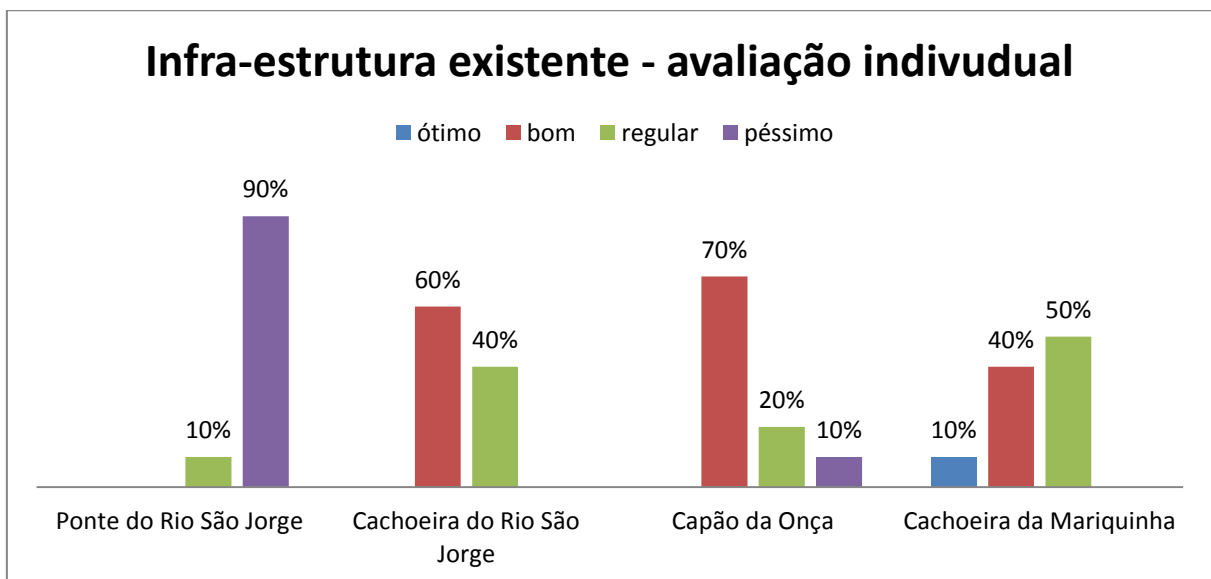


Gráfico 12 – opinião do visitante sobre a infra-estrutura existente – avaliação individual.

Fonte: o autor.

Na questão referente ao acesso há um equilíbrio entre as opções bom, regular e péssimo (gráfico 13). A pesquisa mostrou que os visitantes estão satisfeitos, porém as melhorias devem ser realizadas. As vias de acesso como mostrado no capítulo anterior não são as mesmas para todos os recursos turísticos, em alguns casos como na Ponte do Rio São Jorge (gráfico 14), o trecho sem pavimentação interfere na avaliação do visitante. Outro fator que interfere no resultado quanto ao acesso, são as chuvas frequentes no verão.

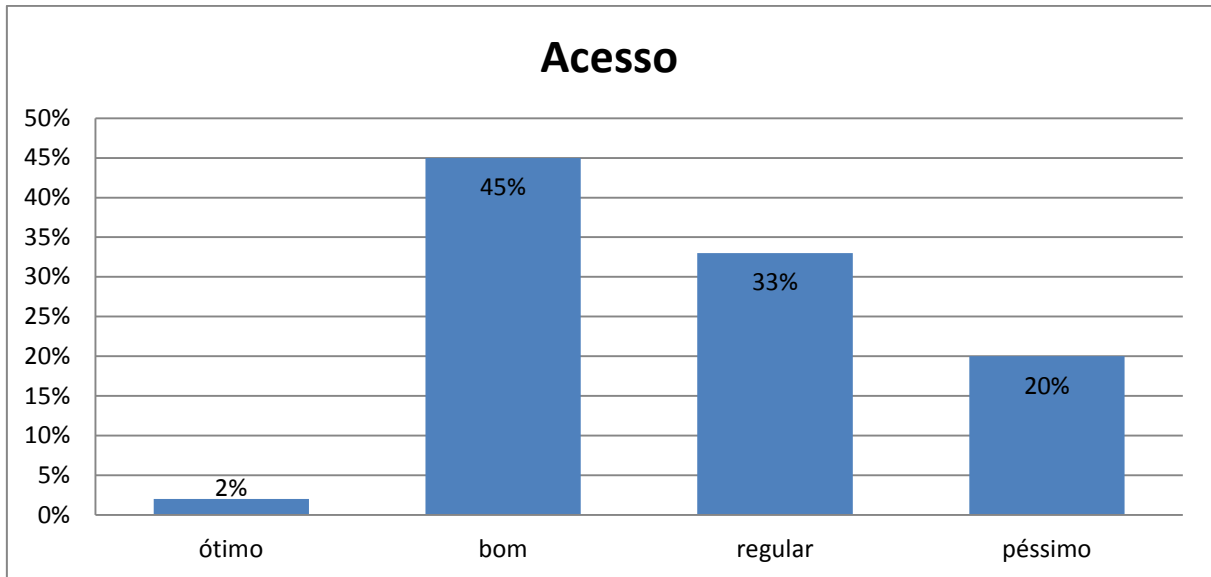


Gráfico 13 – avaliação das vias de acesso.

Fonte: o autor.

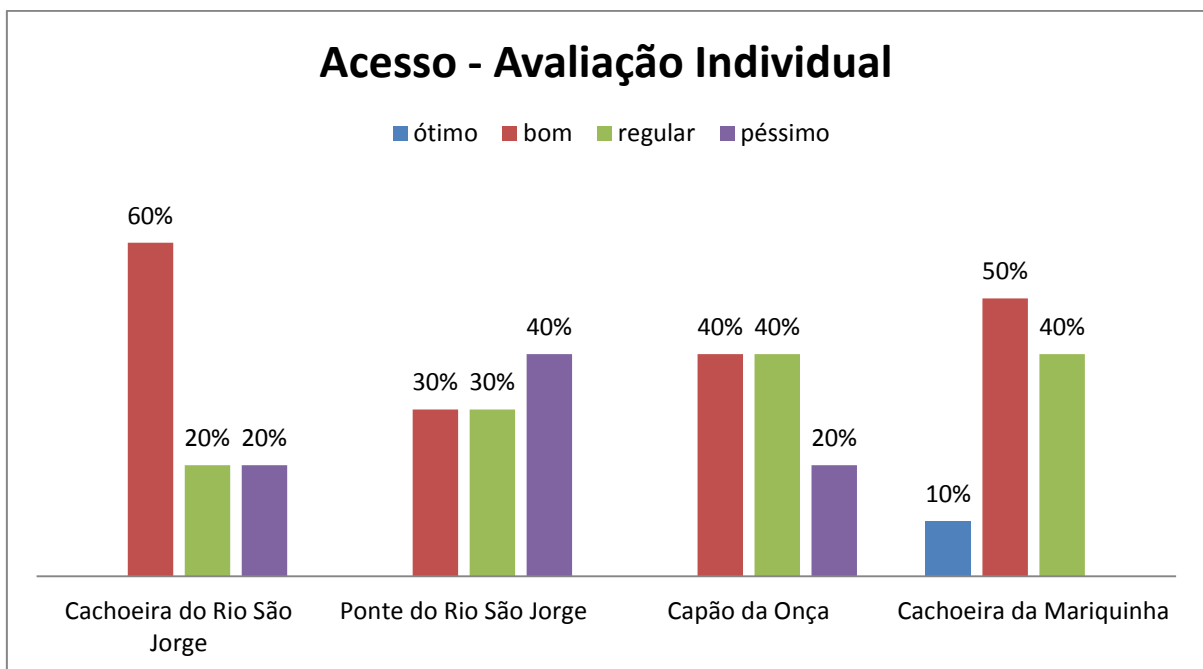


Gráfico 14 – avaliação individual das vias de acesso.

Fonte: o autor.

Em relação aos banheiros (gráfico 15), foram avaliados de maneira negativa por 75% dos entrevistados, enquanto que apenas 25% estão satisfeitos com o equipamento oferecido. Na área do Capão da Onça (gráfico 16) 60% estão satisfeitos, enquanto 40% o avaliam de forma negativa. A justificativa observada em campo foi à localização, quantidade e estado de conservação desses equipamentos, sendo esses insuficientes para atender a demanda de usuários.

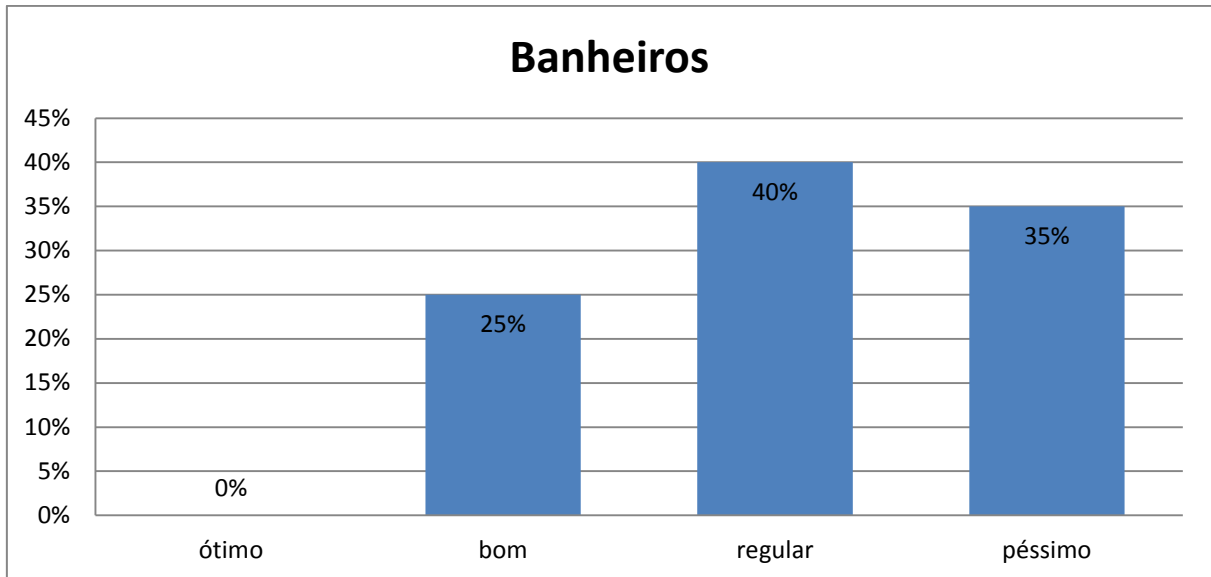


Gráfico 15 – Avaliação dos Banheiros.

Fonte: o autor.

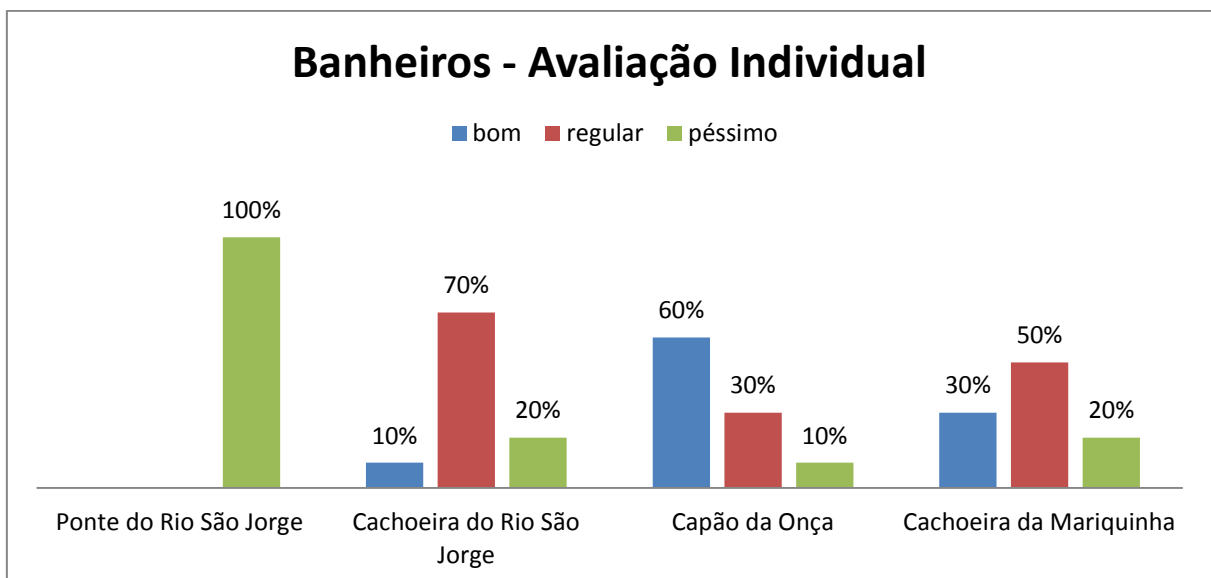


Gráfico 16 – avaliação individual dos Banheiros – única avaliação positiva no Capão da Onça.

Fonte: o autor.

No quesito avaliação das trilhas (gráfico 17) a afirmação é positiva quanto à avaliação desse serviço, sobressaindo à resposta bom com 55% das avaliações. Apesar do resultado positivo, as trilhas não possuem sinalização muito menos informações turísticas sobre os recursos turísticos visitados, ocasionando 38% de respostas negativas sobre as trilhas dos locais onde foi feita a pesquisa.

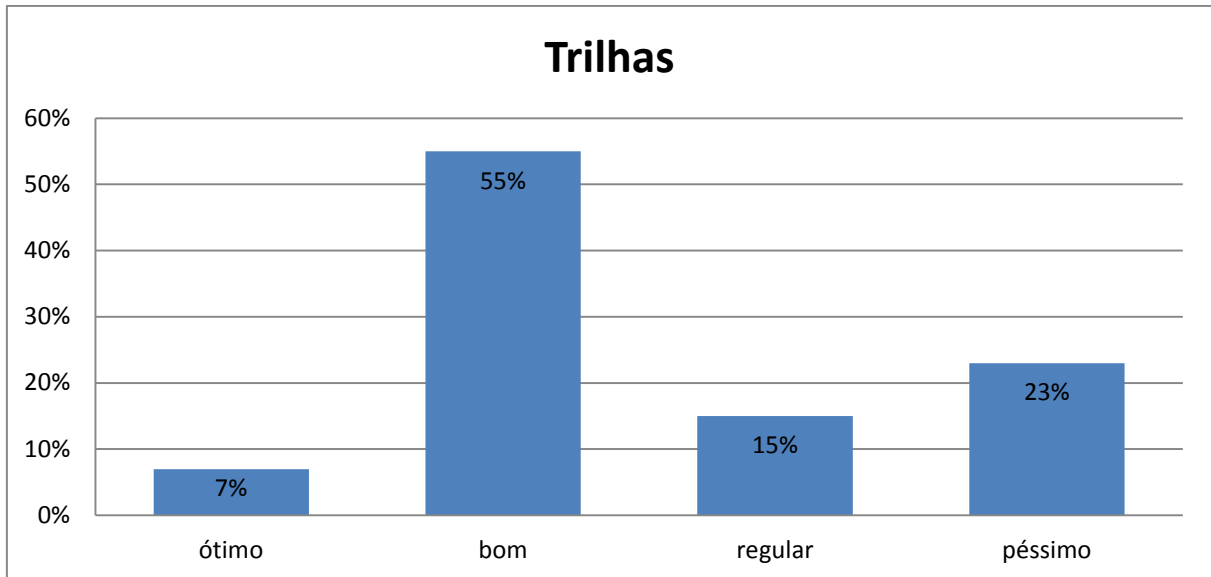


Gráfico 17 – Avaliação das Trilhas.

Fonte: o autor.

As respostas obtidas em relação ao estacionamento (gráfico 18) foram positivas, considerando os locais como bons 50%, no entanto, alguns entrevistados apresentaram insatisfação em finais de semana de muito movimento, apresentando como justificativa o número de vagas e a segurança.

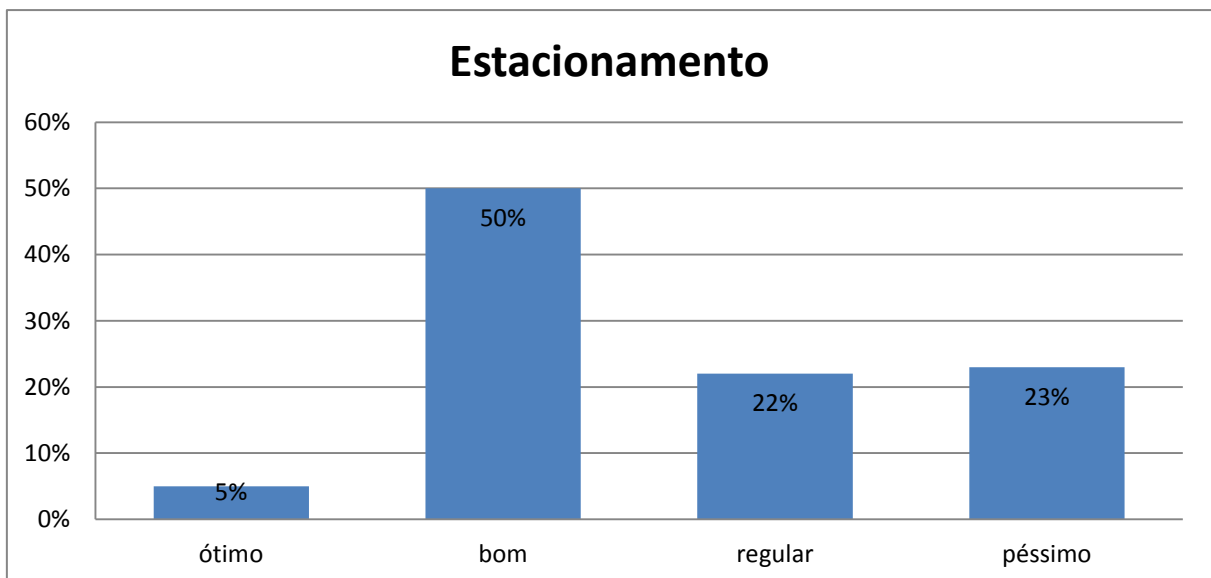


Gráfico 18 – avaliação do estacionamento.

Fonte: o autor.

Em relação às lixeiras (gráfico 19), um número considerável de entrevistados 47%, afirma estar satisfeitos com a quantidade de lixeiras distribuídas nos recursos turísticos. Porém a quantidade daqueles que não estão satisfeitos também foi alta com 53%, demonstrando que todos os locais (gráfico 20) precisam de melhoria. A

poluição ambiental é um fator negativo dentro de um Parque Nacional, por isso merece destaque.

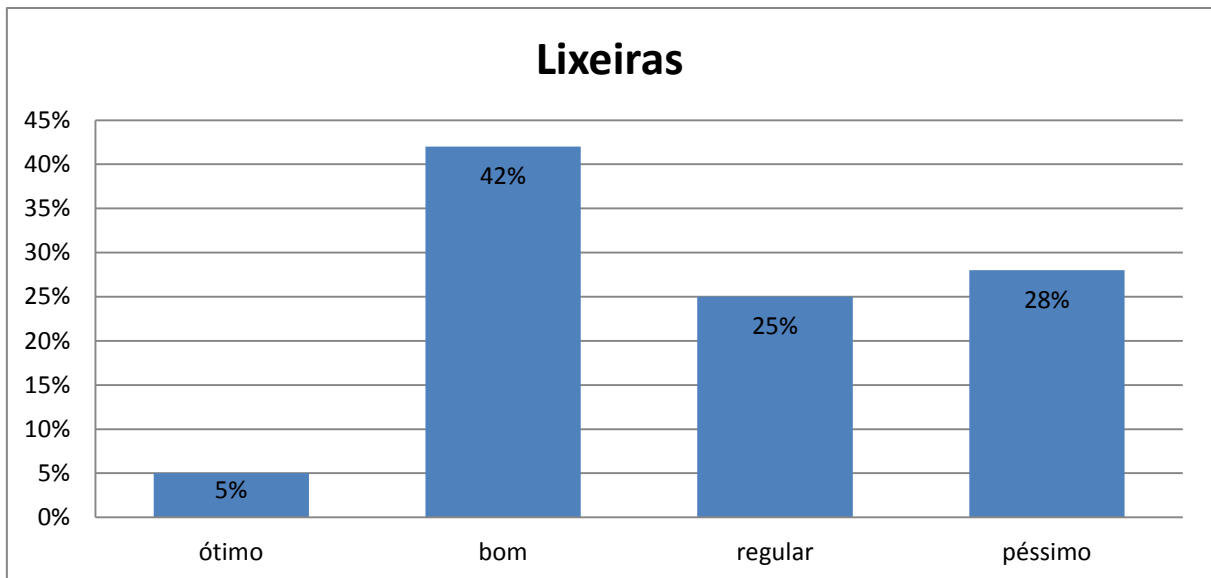


Gráfico 19 – avaliação da quantidade de lixeiras.

Fonte: o autor.

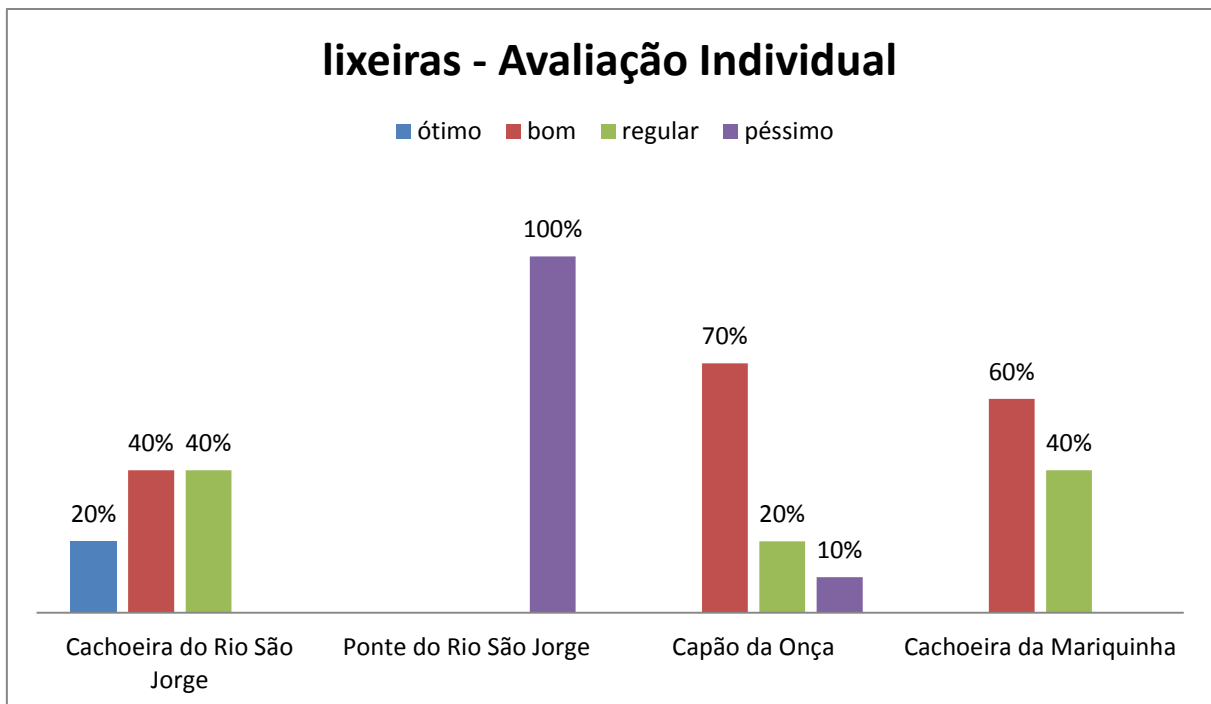


Gráfico 20 – avaliação individual da quantidade de lixeiras.

Fonte: o autor.

No caso das informações e sinalização sobre o atrativo (gráfico 21), os entrevistados avaliaram a parte interna e externa dos recursos naturais. Em campo observou-se a dificuldade para se chegar aos locais, sendo que na parte interna não se encontra placas de sinalização e informações sobre os atrativos, fato comprovado

por 73% dos entrevistados que afirmaram a insuficiência da quantidade e qualidade das placas indicativas.

A importância da sinalização é prioridade, pois só assim o turista obtém a relação de troca de informações com o local visitado, sendo este uma forma de educação ambiental. O quesito informações pode receber melhorias e adequações, ressaltando a importância do planejamento, administração e estratégias, com objetivo de melhorar o marketing e a educação ambiental.

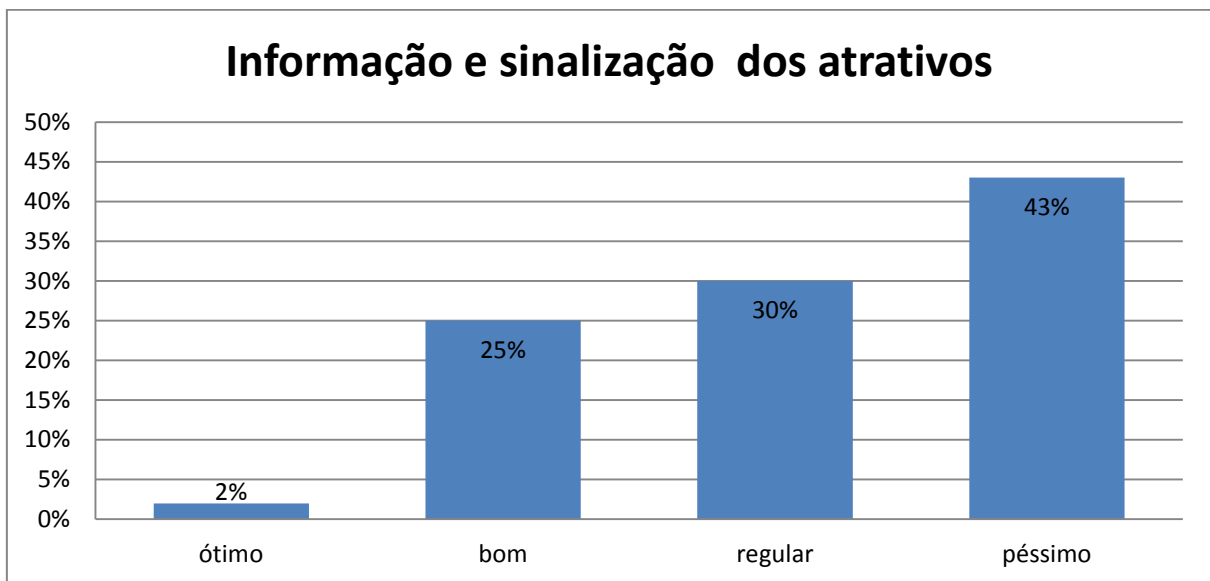


Gráfico 21 – avaliação da informação e sinalização.

Fonte: o autor.

Após a avaliação individual dos serviços e equipamentos oferecidos, solicitou-se uma avaliação geral (gráfico 22), considerando o equilíbrio dos itens bom, regular e péssimo na maioria das avaliações. Observou-se ao final que 56% dos entrevistados estavam insatisfeitos com os serviços e equipamentos oferecidos nos recursos turísticos e 44% estavam satisfeitos.

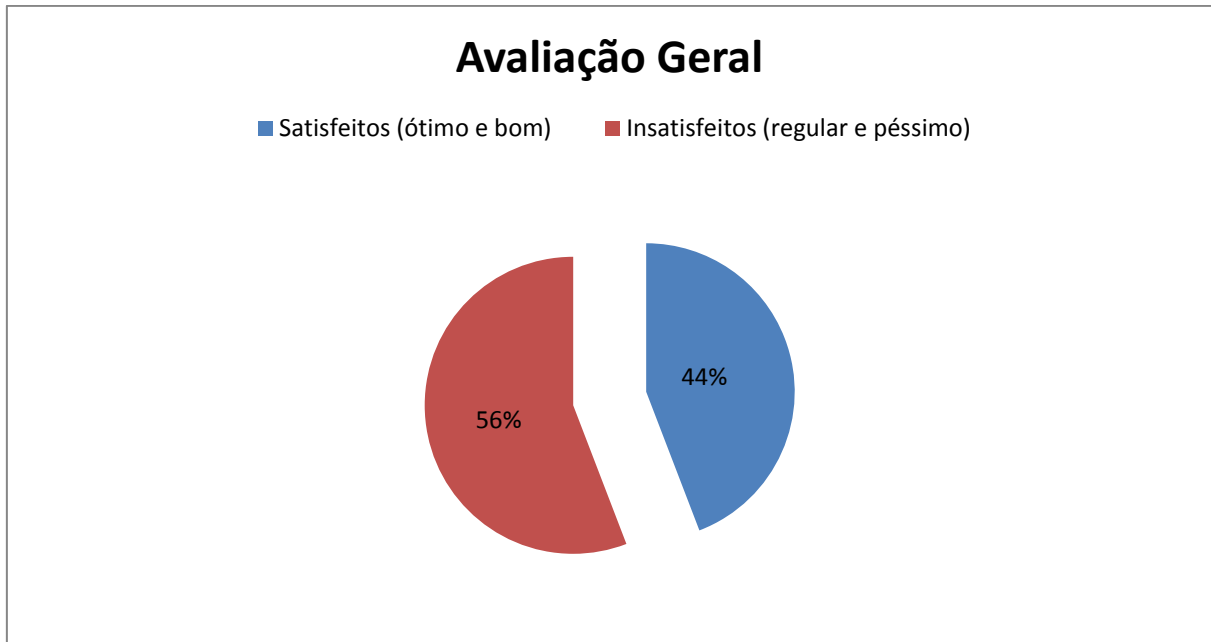


Gráfico 22 – avaliação geral dos serviços e equipamentos.

Fonte: o autor.

Diante das avaliações anteriores, foi perguntada aos entrevistados qual a sugestão de melhoria para infra-estrutura existente (gráfico 23). Percebe-se que os recursos turísticos precisam de várias melhorias e implantação de novos equipamentos e serviços. Nas respostas, os banheiros ganharam destaque com 15% entre os elementos citados, atualmente os mesmos estão em estado precário, os sanitários com rachaduras e sinais de vandalismo.

Destaque também para a melhoria na sinalização turística com 25% foi possível notar em campo a inexistência de pontos de informação externa e internamente, merecendo destaque a importância dos guias, os quais entram no contexto de apoio turístico. Outra sugestão foi para o aumento no número de lixeiras, assumindo 18% das pesquisas, em alguns locais a quantidade de lixeiras é insuficiente para atender a demanda.

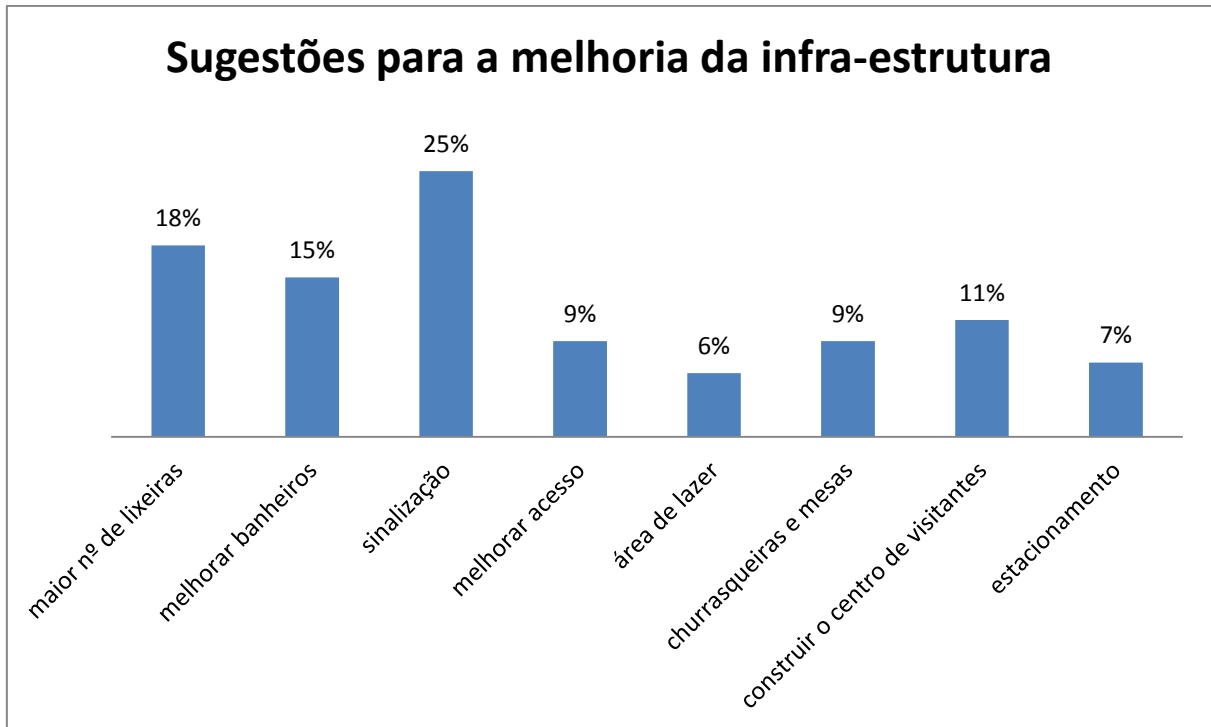


Gráfico 23- sugestões dadas pelos visitantes para a melhoria da infra-estrutura.

Fonte: o autor.

Percebe-se que a infra-estrutura é um elemento primordial no turismo. Com objetivo de gerar qualidade ao atrativo, satisfazendo assim o visitante, além de permitir o desenvolvimento sustentável.

5.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS DA ANÁLISE SWOT

Está análise foi desenvolvida por Kenneth Andrews e Roland Cristensen, dois professores da Harvard Business School. Atualmente são vários os fatores que interferem no desenvolvimento de um produto, o aumento da exigência dos clientes e a sua pouca fidelização são só alguns exemplos. Assim é essencial dar muita atenção a análise dos atrativos turísticos e no meio envolvente. (BICHO; BAPTISTA, 2006, p.12).

O termo SWOT é resultado de quatro elementos, subdivididos em análise externa do ambiente e análise interna, abaixo serão identificados quais elementos fazem parte da análise interna e externa:

Análise Interna:

- *Strengths* (forças) – vantagens internas do Parque Nacional dos Campos Gerais. A importância da identificação das forças está relacionada aos fatores de sucesso da administração.
- *Weaknesses* (fraquezas) – desvantagens internas do Parque Nacional dos Campos Gerais. A análise das fraquezas é sempre relativa podendo ser modificada conforme as alterações do atrativo. Quando avaliado quais são as fraquezas, obtendo informações prévias, o problema deve ser eliminado assim que possível.

De acordo com Bicho e Baptista (2006, p.13) a correta listagem das forças e fraquezas dá ao administrador do uso público em áreas naturais elementos importantes no que se refere a sua organização estratégica, que tenderá a tirar partido das forças e eliminar as fraquezas.

Análise Externa:

- *Opportunities* (oportunidades) – aspectos que envolvem o Parque Nacional dos Campos Gerais de forma positiva, dando oportunidade de crescimento e conhecimento das vantagens em relação ao mercado. As mudanças no ambiente externo sempre de alguma forma irão afetar o Parque, possibilitando estratégias que visem o melhoramento do atrativo.
- *Threats* (ameaças) – aspectos que envolvem o Parque Nacional dos Campos Gerais de forma negativa, comprometendo o atrativo em relação ao mercado. A ameaça é capaz de afetar o desenvolvimento de uma estratégia. De acordo com o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (2004, p.04) as ameaças podem provocar o aparecimento de um ponto forte, caracterizando assim não como um problema irreversível, mas como um motivo de transformação da realidade.

Uma unidade de conservação que perceba que o ambiente externo está mudando e que se adapte rapidamente aproveitará melhor as oportunidades e sofrerá menos as conseqüências das ameaças. (BICHO; BAPTISTA, 2006, p.13).

A análise SWOT deve ser analisada com todos os elementos em conjunto e dessa análise resultará as estratégias, que no futuro poderão auxiliar as decisões da

administração do Parque Nacional dos Campos Gerais. Para Bicho e Baptista (2006, p.14) o ambiente interno pode ser controlado pelos dirigentes do Parque, possibilitando destacar os pontos fortes e quando analisar um ponto fraco deve-se controlá-lo ou minimizar o seu efeito. Já o ambiente externo está fora do controle da organização, mas apesar de não poder controlar, pode-se monitorá-lo procurando aproveitar as oportunidades e evitar as ameaças assim que possível.

Como base para contribuições futuras, abaixo serão destacados alguns pontos Positivos, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças do Parque Nacional dos Campos Gerais e da cidade de Ponta Grossa:

FORÇAS	
	Singularidade e grande beleza cênica dos recursos turísticos.
Localização próxima a grandes cidades como Ponta Grossa e Curitiba.	Recursos naturais com demanda turística.
Potencialidade para vários tipos de atividade e segmentos.	Possibilidade de atividades voltadas ao desenvolvimento sustentável.
Patrimônio Natural.	Potencial para pesquisas científicas.
Potencial para criação de trilhas alternativas passando por todos os locais.	Biodiversidade
Existência de interesse de órgãos como ICMBio.	Diversidade de ecossistemas.

Quadro 4 – análise das forças do Parque Nacional dos Campos Gerais e região.

Fonte: o autor.

(continua)

FRAQUEZAS	
	Ocupação irregular de áreas de proteção ambiental.
Risco de degradação do produto turístico.	Inexistência de planos de manejo e capacidade de carga.
Falta de um centro de atendimento ao visitante.	Descumprimento da legislação ambiental.

Quadro 5 – análise das fraquezas do Parque Nacional dos Campos Gerais e região.

(conclusão)

Difícil acessibilidade.	Falta de recursos econômicos e organização.
Problemas na administração atual.	Poluição ambiental.
Baixo investimento de órgãos público e privados.	Baixo poder de investimento.
Sazonalidade.	Inexistência de marketing e divulgação.
Manutenção inadequada.	Falta de projetos de educação ambiental
Turismo de massa.	Falta de sinalização turística

Quadro 5 – análise das fraquezas do Parque Nacional dos Campos Gerais e região.

Fonte: o autor.

(continua)

OPORTUNIDADES	Valorização dos recursos turísticos
Distribuição do fluxo de turistas.	Buscar fontes de investimento
Geração de empregos e renda.	Criação de um aeroporto mais próximo
Criação de roteiros para distribuir o fluxo	Melhoria da sinalização turística e das vias de acesso.
Oferecer um produto turístico natural que se torne competitivo no mercado.	Conscientização da população para a importância do turismo.
Potencial para ser atrativo de turistas Nacionais e Internacionais.	Complementaridade do Parque Estadual de Vila Velha.
Potencial para turismo em áreas naturais.	Programar planos de preservação e instrumentos de planejamento.
Capacitação dos prestadores de serviços.	Fortalecimento dos órgãos ambientais.
Criação do plano de manejo e capacidade de carga.	Investimento do poder público em infraestrutura.
Diminuição da sazonalidade.	Participação popular e da iniciativa privada.

Quadro 6 – análise das oportunidades do Parque Nacional dos Campos Gerais e região.

(conclusão)

Investimento de órgãos públicos e privados na capacitação de profissionais.	Criação de roteiros que integrem toda a cidade
Proteção das áreas com recursos turísticos.	Localização geográfica.
Desenvolver o artesanato	Qualificação dos serviços oferecidos.
Melhorar o marketing turístico a fim de ampliar a demanda.	Melhoramento da infra-estrutura da cidade.
Capacitação de taxistas.	

Quadro 6 – análise das oportunidades do Parque Nacional dos Campos Gerais e região.

Fonte: o autor.

(continua)

AMEAÇAS	Impactos causados por veículos.
Problemas com a acessibilidade	Processo lento de implantação da administração no Parque.
Falta de melhoramento com os problemas de infra-estrutura.	Alto custo de investimento.
Falta de investimento em informações complementares e sinalização ao longo do acesso.	Degradação ambiental.
Degradação dos recursos naturais.	Poluição.
Impacto na comunidade local.	Falta de planejamento.
Falta de recursos humanos para gestão atual dos proprietários.	Distancia do aeroporto.
Não atendimento das necessidades da demanda.	Segurança.
Muita demanda e pouco investimento no serviço básico.	Taxistas despreparados.

Quadro 7 – análise das ameaças do Parque Nacional dos Campos Gerais e região.

(conclusão)

Dificuldade na comercialização em virtude do desconhecimento dos visitantes de outras cidades.	Inexistência de transporte coletivo até os recursos turísticos.
Dificuldade para chegar aos atrativos.	

Quadro 7 – análise das ameaças do Parque Nacional dos Campos Gerais e região.

Fonte: o autor.

Lembrando que são considerações iniciais, mas que poderão ser utilizadas pela administração do Parque. Após construir a matriz SWOT, a análise e a procura por sugestões são ferramentas imprescindíveis no planejamento e na definição das estratégias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo em áreas naturais está crescendo nos últimos anos devido ao inchaço urbano, despertando nas pessoas o desejo de sair da rotina, procurando o contato com a natureza. O segmento de ecoturismo e turismo de aventura estão ganhando cada vez mais adeptos em busca de prazer e adrenalina. A região dos Campos Gerais possui uma singularidade e beleza, tornando-a potencial para o turismo em áreas naturais.

A partir disso, foi desenvolvido um trabalho na região do Parque Nacional dos Campos Gerais, por possuir um belo cenário e recursos para atividade de lazer. Hoje em dia a área está com uso excessivo e sem infra-estrutura necessária.

O acervo natural possibilita a atividade de turismo como alternativa a população, que ainda não percebeu a riqueza natural e as potencialidades e possibilidades que o Parque oferece. É comum moradores da cidade não saberem onde se encontram ou mesmo a existência dos recursos naturais.

Com a desapropriação das terras e a implantação do Parque Nacional dos Campos Gerais nos próximos anos, um plano de manejo e capacidade de carga deverão ser estudados, para que o uso público esteja nas normas do SNUC para áreas naturais protegidas. A implantação de estratégias para uso público do Parque devem ser desenvolvidos com resultados de médio a longo prazo.

O planejamento está inserido na reestruturação dos recursos naturais, sendo necessários estudos com objetivos de melhor atender a demanda e proteger o meio ambiente. A análise SWOT foi apresentada como uma consideração inicial para estratégias futuras relacionadas à região, observando fatores sociais, culturais, ambientais e econômicos. Buscando na análise apresentar problemas que possam ser reparáveis na construção do projeto.

A melhoria na infra-estrutura merece destaque, como a construção de um centro de visitante, mesas, bancos, lixeiras, placas informativas, acesso e banheiros. A infra-estrutura existente é mínima, sendo preciso adequar o produto agregando valor ao destino. Para que haja desenvolvimento no Parque Nacional dos Campos Gerais é fundamental a união dos órgãos públicos, da iniciativa privada e da comunidade local sendo está a principal beneficiada com a implantação do Parque.

O Parque não possui controle do fluxo de visitantes, desse modo, os impactos causados pelo turismo de massa prejudicam as áreas naturais. As delimitações e a capacidade de carga são necessárias para minimizar os impactos negativos, também é fundamental colocar placas informativas sobre as questões interpretativas e informação de conservação e educação ambiental.

Com base nesse estudo, conseguiu-se tirar algumas conclusões sobre o visitante, sendo que a partir do armazenamento destes dados poderá se considerar um planejamento para o Parque Nacional dos Campos Gerais. A necessidade de infra-estrutura fica evidente quando analisamos os dados do recurso turístico e o perfil da demanda, pois com a efetivação desta, mesmo que básica, o tempo de permanência e o número de visitantes poderá aumentar consideravelmente, ressaltando a importância do Parque Nacional dos Campos Gerais para a população local como um espaço para lazer e contato com a natureza, uma vez que infra-estrutura é um aspecto que agrega valor ao destino.

Para implantar e melhorar a infra-estrutura é preciso capacitar a comunidade, dando oportunidade de renda e qualificação profissional para a realização das atividades e operacionalização das áreas. As propostas trabalhadas servem de subsídios para planejamentos futuros, como o parque não conta com plano de manejo, o trabalho poderá servir como auxílio no que diz respeito às áreas naturais e o Parque Nacional dos Campos Gerais.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Margarita. **Planejamento Responsável do Turismo**. 2ª ed. Campinas - SP: Papyrus, 2009.

BENI, Mario Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 13ª ed. São Paulo: SENAC, 2000.

BICHO, Leandro; BAPTISTA, Suzana. **Modelo de Porter e Análise SWOT: estratégias de negócios**. 2006, páginas18. Departamento de Engenharia Civil – Instituto Superior de Engenharia de Coimbra, Coimbra – Portugal.

BRASIL, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **O Patrimônio Natural do Brasil**. Rio de Janeiro, 2004.

BRASIL. Lei nº 9.985, de julho de 2000. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e da outras providências. **Presidência da República Constituição Federal**, Brasília, 18 de julho de 2000. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm>. Acesso em: 02 dezembro 2013.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Roteiro para Criação de Unidades de Conservação Municipais**. Brasília, 2010.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Conteúdo Fundamental Ação Municipal Para a Regionalização do Turismo**. Brasília, 2007.

_____. **Ecoturismo: orientações básicas**. Brasília, 2010.

_____. **Plano Nacional de 2007/2010: Uma viagem de inclusão**. Brasília, 2007.

_____. **Turismo de Aventura: orientações básicas**. Brasília, 2010.

ECOSSISTEMAS, Paraná. **Floresta Atlântica**. Volume 3. Curitiba, 2010. Disponível em: < http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/cobf/V3_Mata_Atlantica.pdf>. Acesso em: 16 de outubro de 2013.

EMBRAPA. **Aspectos Antrópicos**. 2001.

Disponível em: < <http://www.apadescalvado.cnpm.embrapa.br/antro.html>>. Acesso em: 02 de outubro de 2013.

FERNANDES, Ivan. **Planejamento e Organização do Turismo: uma abordagem desenvolvimentista com responsabilidade social e ambiental**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FILHO, Américo Pellegrini. **Dicionário Enciclopédico de Ecologia e Turismo**. 1ª ed. São Paulo: Manole, 2000.

IAPAR, Paraná. **Classificação Climática do Paraná**. Disponível em: < <http://www.iapar.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=863>>. Acesso em: 01 de outubro de 2013.

ICMBio, Ministério do Meio Ambiente. **ICMBio Instituto Chico Mendes MMA**. Disponível em: < <http://www.icmbio.gov.br/portal/>>. Acesso em: 15 de agosto de 2013.

ICMBio, Ministério do Meio Ambiente. **Projeto de Pesquisa para Elaboração de Estudos Prioritários de Uso Público para o Parque Nacional dos Campos Gerais - Pr, como Ferramenta para a Gestão e Subsídios para o Planejamento**. Ponta Grossa, 2012.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. 2ª ed. São Paulo: CENGAGE Learning. 2011.

MASSUQUETO, Luana Laís. **O Sistema Cárstico do Sumidouro do Rio Quebra-Perna (Ponta Grossa – PR):** caracterização da geodiversidade e de seus valores. 2010, páginas 79. Departamento de Geociências – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

MCKERCHER, Bob. **Turismo de Natureza: planejamento e sustentabilidade**. São Paulo: Contexto, 2002.

MELO, M.S et al. Relevo e Hidrografia dos Campos Gerais. In: MELO, M.S. de; MORO, R.S.; GUIMARÃES, G.B. **Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007

MOREIRA, J.C.; ROCHA, C.H. Unidades de Conservação nos Campos Gerais. In: _____. **Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

PETROCCHI, Mario. **Turismo: Planejamento e Gestão**. 6ª ed. São Paulo: Futura, 2002.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: SENAC, 2002.

PLANO de desenvolvimento integrado do turismo sustentável para o pólo costa dos arrecifes – Pernambuco. Volume 2. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/downloads/docs/pe_4_estrategia_turistica_100708.pdf>. Acesso em: 03 de outubro de 2013.

PREFEITURA DE PONTA GROSSA.

Disponível em: < <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/>>. Acesso em: 13 de julho de 2013.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento Sustentável**: a proteção do meio ambiente. 12^a ed. Campinas – SP: Papirus, 2005.

SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

Disponível em: < <http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/sistema-nacional-de-ucs-snuc>>. Acesso em: 18 de setembro de 2013.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável**: meio ambiente e economia. 2^a ed. São Paulo: Aleph, 2000.

VIGNATI, Federico. **Gestão de Destinos Turístico**: como atrair pessoas para pólos, cidades e países. Rio de Janeiro: SENAC RIO, 2008.

APÉNDICE

APÊNDICE 1

Questionários aplicados no Parque Nacional dos Campos Gerais

Questionário para aplicação no Parque Nacional dos Campos Gerais
Perfil dos visitantes
Questionário individual

1. Cidade:

2. Gênero:

Masculino Feminino

3. Faixa etária:

menor de 18 anos de 19 a 24 anos de 25 a 34 anos de 35 a 45 anos mais de 46 anos

4. Nível de escolaridade:

1º Grau 2º Grau incompleto 2º Grau completo Superior cursando
 superior completo pós graduado Outros

5. Quais os motivos da visita ao parque?

lazer e diversão conhecer a natureza apreciar a paisagem descanso
 conhecer a cultura local praticar esportes, qual/quais?
_____ outros

6. Duração da permanência no Parque:

uma hora duas horas três horas quatro horas outros

7. Quais os aspectos que você considera mais importante dentro do parque?

conservação da natureza limpeza infra-estrutura (banheiro, lanchonete, estacionamento) segurança funcionários capacitados sinalização atividades que podem ser realizadas (caminhada, escalada, banho) trilhas estruturadas informação outros

8. Quais atividades você gostaria de encontrar no parque e que não estão disponíveis?

9. Quanto gastou na região?

menos que R\$ 20,00 entre R\$ 21,00 e R\$ 50,00 entre R\$ 51,00 e R\$ 100,00 mais que R\$ 100,00

10. Você estaria disposto a pagar uma taxa de visitação para usufruir de um parque melhor estruturado?

sim não

**Questionário para aplicação no Parque Nacional dos Campos Gerais
Infra Estrutura do Atrativo**

1. Gênero:

Masculino Feminino

2. Cidade:

3. Faixa etária:

menor de 18 anos de 19 a 24 anos de 25 a 34 anos de 35 a 45 anos mais de 46 anos

4. O que achou da infra estrutura existente:

Ótima Bom Regular Péssima

5. Possuiu sugestões para a melhoria da infra estrutura:

6. Como você avalia o acesso ao atrativo:

Ótima Bom Regular Péssima

7. Como você avalia os banheiros:

Ótima Bom Regular Péssima

8. Como você avalia as trilhas:

Ótima Bom Regular Péssima

9. Como você avalia o estacionamento:

Ótima Bom Regular Péssima

10. Como você avalia a quantidade de lixeiras:

Ótima Bom Regular Péssima

11. Como você avalia a prestação de informações sobre o atrativo:

Ótima Bom Regular Péssima